

MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA

Bissau: Para além da dicotomia.

Urbanismo e Arquitetura

Laura Nina Keita Barros

M

2023



Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

Laura Nina Keita Barros

Orientada pelo Prof. Doutor Luís Soares Carneiro

2023

Agradecimentos

Ao meu orientador e professor, pela vontade e disponibilidade, e por todos os conhecimentos transmitidos ao longo do desenvolver desta tese.

Aos familiares e amigos pelo apoio ao longo de todo o percurso académico.

À minha família do Porto, pela amizade, companheirismo, e apoio incondicional. Em especial à Chelsea, à Jéssica, à Marina, à Patrícia e à Stephanie , as quais tive o prazer de cruzar pelo caminho e que fizeram parte de toda esta trajetória.

Ao meu pai, pelo incentivo.

À minha mãe, por se fazer sempre presente.

À minha tia Mariama pela amizade e apoio incondicional.

Resume

O trabalho que se pretende realizar tem como objetivo o estudo e análise do processo de desenvolvimento urbano e arquitetónico da cidade de Bissau entre o pré-colonialismo e a pós-independência nos anos 70 na Guiné-Bissau.

No período pós-independência, as cíclicas crises políticas têm dificultado o desenvolvimento socio-económico do país, tendo como uma das consequências a privatização de edifícios públicos, desvalorização do património arquitetónico, sobretudo a concepção individualista, assim como, um crescimento urbano desordenado e irregular.

A temática da Investigação surge como necessidade de enquadramento das questões urbanas em estudo a uma escala mais particular, no qual serão abordados problemas característicos da cidade, tradições locais, assentamentos urbanos distintos, disparidade arquitetónica, e as possíveis influências desde a colonização até a pós-independência, através de uma abordagem crítica, considerando o cruzamento entre diferentes paradigmas do urbanismo e da arquitetura, atendendo a levantamentos e possíveis comparações entre as obras locais, e obras que surgem contemporaneamente, neste mesmo contexto.

Abstract

The work that is intended to be carried out aims to study and analyze the process of urban and architectural development of the city of Bissau between pre-colonialism and post-independence in the 1970s in Guinea-Bissau.

In the post-independence period, the cyclical political crises have hindered the socio-economic development of the country, having as one of the consequences the privatization of public buildings, devaluation of the architectural heritage, especially the individualistic conception, as well as a disorderly and irregular urban growth.

The theme of the Investigation arises as a need to frame the urban issues under study on a more particular scale, in which will be addressed problems characteristic of the city, local traditions, distinct urban settlements, architectural disparity, and the possible influences from colonization to post-independence, through a critical approach, considering the intersection between different paradigms of urbanism and architecture, taking into account.

Índice

Índice

Introdução	9
1. Contexto histórico-Urbanístico	10
- Os planos urbanos, de 1919 a Independência.	12
2. Do Pós-independência a atualidade	32
- Morfologia e Síntese Territorial	34
- Expansão Urbana	43
- A Condição Urbana	50
- Redes Infra-estruturais	
- Recursos Hídricos e de saneamento básico	
- Comércio e Serviços	
- Habitat	
- A coexistência entre o formal e o informal	64
3. Bissau como campo de experiência arquitectónica	71
- Entre o Tradicional e o Colonial	
- Miscigenação	
- Condicionantes e Particularidades	
- “Tipos”- Casos de Estudo	
4. Considerações Finais	94
Bibliografia	97
Iconografia	98

Introdução

A cidade de Bissau é considerada como sector autónomo de acordo com a administração territorial do país. Está localizada na costa oeste da República da Guiné-Bissau, foi considerada capital da colónia portuguesa durante o século XIX até à independência em Setembro de 1973.

Situada na costa ocidental da África, a Guiné-Bissau faz fronteira com o Senegal e a Guiné-Conacri, a sua capital, Bissau, apresenta problemáticas ligadas a redefinição de determinados paradigmas urbanos e viabilidade sobre estratégias arquitetónicas com entraves à diferentes escalas e ramos da sociedade em si. Num contexto onde o crescimento urbano desordenado e irregular influencia e é influenciado pela arquitetura individualista, pretende-se chamar a atenção para um debate sobre a coexistência entre o formal e o informal no que toca a arquitetura e o urbanismo.

A grande temática ***Bissau: Para além da dicotomia*** surge em função de uma vontade de tornar explícito o conceito por detrás do contexto urbano existente de modo a compreender a sua identidade, o seu valor e as suas condicionantes, nesse sentido, este trabalho, focar-se-á na análise e investigação do processo urbano, seguindo uma lógica que parte da temática mais geral para uma mais particular. Deste modo, o trabalho subdivide-se em três partes: numa fase inicial é feita uma contextualização mais geral da cidade ligada ao urbanismo recorrendo a registos históricos, arquivos fotográficos e escritos relativos a época, onde serão analisados discursos e livros de autores como Ana Vaz Milheiro, Aldo Rossi, entre outros.

Contexto Histórico - Urbanístico

Contexto Histórico- Urbanístico

1. Contexto histórico-Urbanístico

Bissau como província e como capital (colonial)

A cidade de Bissau é considerada como sector autónomo de acordo com a administração territorial do país. Localizada na costa oeste da República da Guiné-Bissau, foi considerada capital da colónia portuguesa durante o século XIX até à independência em Setembro de 1973.

Durante este período de tempo, verificaram-se modificações e um crescimento urbano diversificado demarcado no traçado da cidade.

Como a maioria das cidades coloniais, a sua localização costeira era um grande ponto de interesse para as rotas marítimas, perdendo a sua independência nacional em tempos mais remotos com a entrada de outros povos no território devido a facilidade encontrada para o comércio e para a escravatura. A entrada da colónia portuguesa não foi aceite completamente de modo pacífico, havendo uma subversão e confronto dos nativos guineenses o que contribui para a dispersão dos portugueses para o interior do território não se limitando apenas à costa.

Segundo dados expostos no Anuário de 1946 bem como em algumas publicações posteriores, a cidade de Bissau fazia parte dos principais núcleos populacionais com a necessidade de desenvolvimento territorial.

A partir deste ponto, torna-se perceptível a ocorrência de uma expansão/alargamento das povoações dentro do limite dos territórios da Guiné em paralelo à entrada de colonos e respectivas intenções.

Nos anos do colonialismo assistiu-se ao aparecimento de uma série de planos que visavam modernizar e melhorar a cidade

elevada ao estatuto de capital. Para o caso de estudo desta dissertação interessa analisar e realçar o papel dos diversos planos urbanos como reflexo ao crescimento urbano do séc.XX, com uma maior atenção no ponto de vista da gênese de segregação da cidade, desenho e a sua repercussão na dualidade formal/informal das apropriações e da arquitetura que caracterizam a cidade nos dias de hoje.

“A história da Guiné-Portuguesa até a sua separação de Cabo-Verde é a história dos seus prédios, praças e vilas”¹

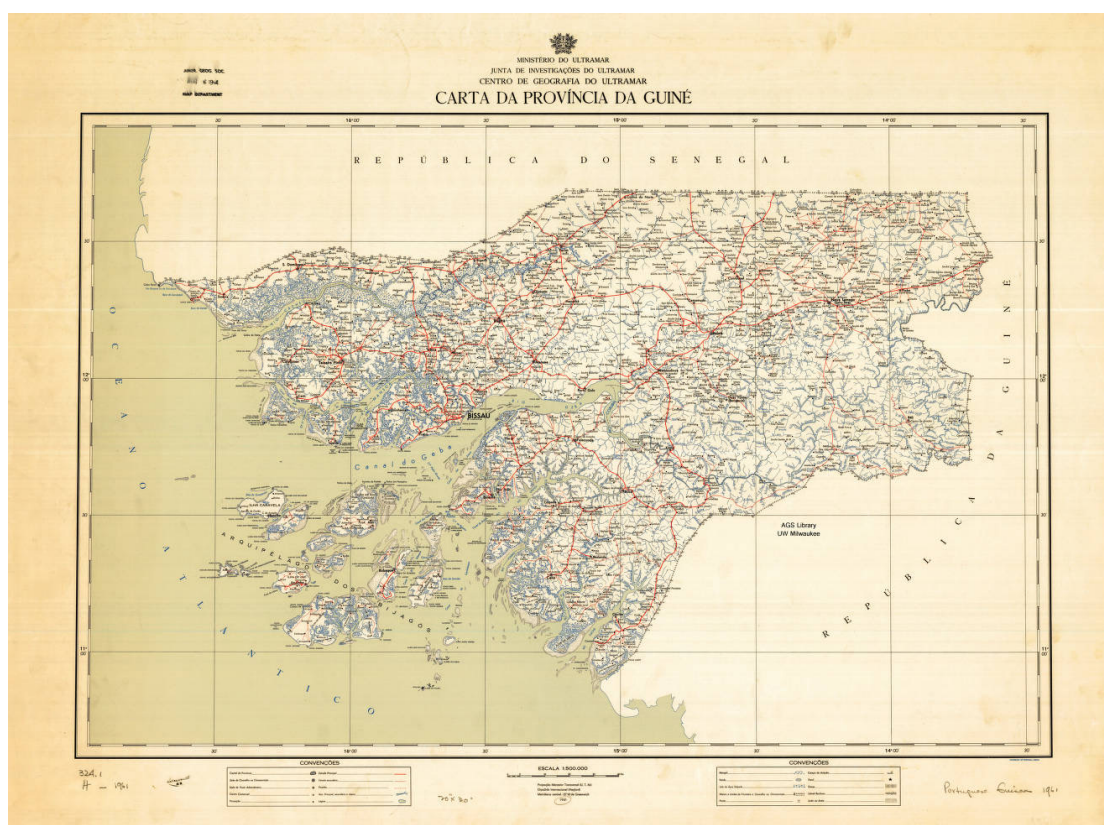


Fig.1- Carta da Provincia da Guiné / Ministério do Ultramar. Junta de investigações do ultramar. Centro de geografia do ultramar. 1961

¹ Anuário Guiné Portuguesa 1946



Fig.2- Vista aérea de Bissau



Fig.3-Vista aérea de Bissau 1984

Os planos urbanos de 1919, 1948, 1959, (...)

Desde antes da entrada dos colonos na Guiné-Bissau, por meados do século XV, e como em qualquer civilização, já existiam assentamentos, aglomerados populacionais, dispostos no território de acordo com a evolução da população local e as suas necessidades.

• Plano de 1919

Em 1919, é elaborado o primeiro plano urbanístico para Bissau de autoria de José Guedes Quinhones, reconhecido como Plano da Nova Cidade de Bissau, isto com Bissau sendo considerada como província. “O desenho inspira-se nos princípios da City Beautiful que influenciam alguma cultura urbanística portuguesa nas duas primeiras décadas do século XX”.²

No plano de 1919 de José Guedes Quinhones, podemos perceber desde já a implantação dos principais equipamentos de serviço, como o Hospital Central (HNSM), o cemitério, assim como uma ideia de monumentalidade e regra. Esta ideia é transmitida pela inserção do Palácio do Governo no eixo principal da cidade que parte desde a praça do império até a uma pequena praça no Porto de Bissau. Segundo Milheiro(2012) "constituindo-se depois matriz de desenvolvimento urbano em outras cidades do território."³

A inserção de pequenas praças ao longo destes eixos com exceção da atual praça da Baiana, reforçam o caráter de

² MENDES, Francisco. A Intervenção em espaço urbano na cidade de Bissau Guiné-Bissau. pág.118

³ MILHEIRO, Ana Vaz-O Gabinete de Urbanização Colonial e o traçado das cidades luso-africanas na última fase do período colonial português. urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana, 2012, 4(2), 215-232 Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193124832005> Acedido em 11.04.2022

monumentalidade presente na capital assim como a largura das próprias vias.

“«A malha de 1919» apresenta-se muito cingido a características físicas, tais como as extensões verdes, a marginal, o rio e suas ramificações” 4.

Outro fator importante a realçar e de acordo com o tema desta dissertação, é a segmentação do território pela então Av. da Cintura, e o processo de urbanização inseridos na área central dos limites desenhados pelos colonos, criando uma dualidade territorial entre os subúrbio e o centro.

A área entre o forte de amura e a Avenida Amílcar Cabral, ligada a praça de São José de Bissau, demonstra um interesse pela lógica de harmonização mas que se fecha à cidade e se adapta ao Forte de Amura com uma ligação direta ao cais do Porto de Bissau. É nesta área em que se instalam maioritariamente a população de serviço da colónia, retratada nos planos subsequentes.

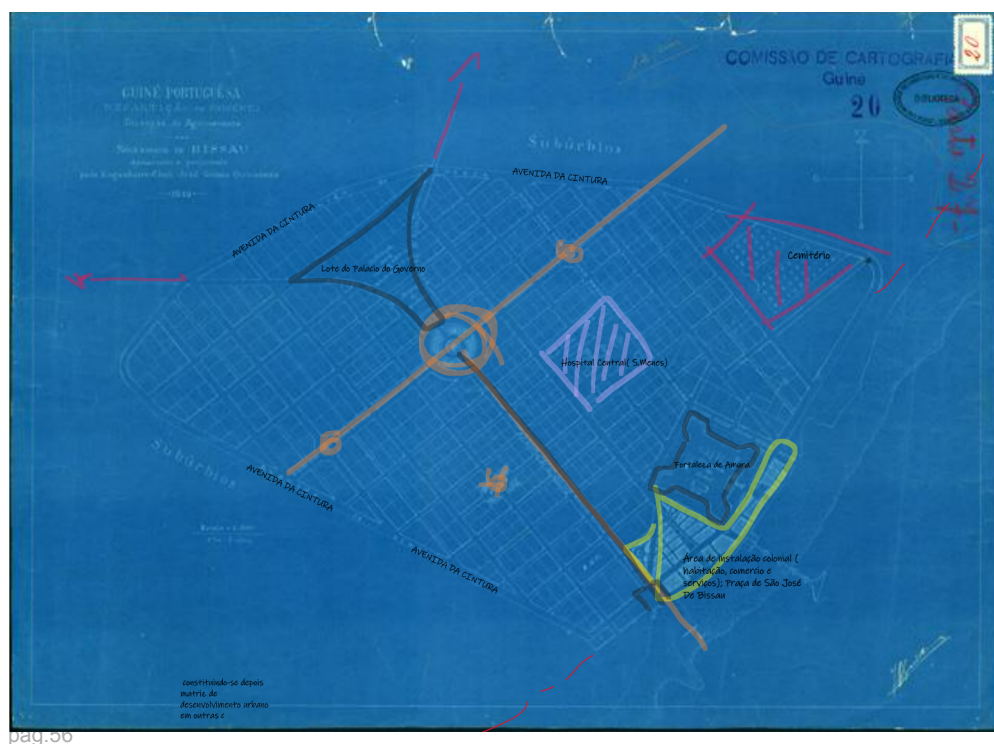


Fig.4- Plano da Nova Cidade de Bissau, José Quinhones, 1919. Fonte: Arquivo Histórico.-
16 Análise da autor.

• Plano de 1948

Na sequência dos acontecimentos coloniais, e da ocupação colonial do território, foram implementados outros planos urbanísticos para a cidade.

Dos planos urbanísticos endereçados à cidade de Bissau, o Plano de 1948 aprovado por Sarmiento Rodrigues revela uma maior importância no desenvolvimento desta análise da evolução urbana da cidade durante a pré-independência.

Em 1942, um ano após Bissau passar a capital colonial, foi elaborado o Plano Geral de Urbanização de Bissau por Eduardo José Pereira da Silva aprovado em 1948.

Este plano tem como base estudos prévios, nomeadamente o relatório sobre o inquérito à cidade de Bissau e outros centros populacionais da colónia da Guiné.⁵

No seu desenho, está apontado a preservação do núcleo urbano original, um traçado urbano regular dos seus quarteirões, continuidade na caracterização das áreas de expansão por zoneamento e qualificação funcional considerando a área de fora dos limites urbanizados como zona suburbana de assentamentos tradicionais.

O eixo monumental, atual Av. Amílcar Cabral, foi o elemento estruturante e distribuidor importante na estruturação urbanística da zona centro de Bissau. Abrangendo equipamentos públicos com funções e linguagens representativas que por sua vez, em harmonia, constituem a gênese da malha ortogonal de estruturas complexas.

Os planos para a cidade de Bissau, seguem princípios racionalistas, pela demarcação das funções e da expansão de composição axial, onde “a densidade de construção e desejo

⁵ MILHEIRO, Ana Vaz - Nos trópicos sem Le Corbusier : arquitectura luso-africana no Estado Novo. Lisboa : Relógio d'Água, 2012.489, [7] pág.239

de edificação da cidade para “impressionar” seguindo os princípios de um urbanismo ligado à metrópole europeia e aos princípios do modernismo impostos pelos gabinetes do ultramar⁶.“ Com o objetivo de valorizar o seu estatuto recente de capital provincial.”⁷

São datados, a partir de 1945 um conjunto de intervenções urbanas para melhoramento e qualificação do espaço público, do desenvolvimento urbano e arquitectónico através de obras públicas, estudos prospectivos para planos urbanos futuros com atenção aos serviços da habitação, saúde, educação e de carácter religioso demarcadas no plano urbanístico de Sarmento Rodrigues.

Estas intervenções decorrem a pequena e grande escala, desde a atenção aos elementos do espaço público, a construção e restauro de pequenas edificações como a cobertura e a bancada do Estádio Lino Correia, reformulação da Sé de Bissau por João Simões até as infra-estruturas de grande porte como estradas, pontes, aeroporto e o porto de Bissau.

Este plano teria como consequência a expansão e o abandono de assentamentos previamente existentes, divergências para o interior do setor e foco na zona centro de Bissau, em linguagem comum “praça de Bissau”. No seu conjunto, “estes lugares ostentam ainda uma grande unidade urbanística e arquitetónica”.

O desenho da zona “*indigena*” é ainda inexistente na cartografia em análise, com exceção do Bairro de Santa Luzia já incluída no plano da zona centro de Bissau.

⁶DUARTE Fausto. Bissau: Governo da Colónia da Guiné Portuguesa, Anuário da Guiné Portuguesa, 1946. p.26

⁷ IDEM

A cidade apresenta diferentes tipologias no desenho dos seus quarteirões e que compõem a morfologia da malha urbana no seu todo. Caraterística presente e mais intensificada com o decorrer do tempo, até a atualidade.

Neste plano de 1948, podemos perceber a distinção e qualificação dos bairros de acordo com funções que se acreditam mais pertinentes à sociedade guineense :

- bairros de carácter residencial,
- bairros de casas económicas,
- bairro comercial (zona de chão de papel),
- zona industrial (dividida em loteamentos).
- zona central

A zona central, como habitual na estrutura de uma cidade, é a área mais consolidada e, neste caso em particular, a primeira a ser desenvolvida com a chegada dos colonos.

Esta é uma área não só restrita à serviços públicos importantes e de administração da cidade, como também à habitação dedicada a classe nobre portuguesa e aos funcionários das colónias, assim como no bairro das casa económicas, que fazem refletir sobre o programa das casas económicas implantado em Portugal a partir da década de 30.⁸

De facto, existe um pensamento lógico e racional de estruturar a cidade. As ruas de maior dimensão têm o papel inicial de segregar os quarteirões. Outros principais eixos foram definidos nesta malha ortogonal como a atual Rua Djassi, e Av.do Brasil, todas ligadas a Av.Francisco Mendes e as suas rotundas.

⁸ Com referência aos estudos elaborados por RAMOS, Rui J.G., PEREIRA, Virgílio Borges, ROCHA MOREIRA, Marta e SILVA, Sérgio Dias (coord.), Contexto Programa Projeto: Arquitetura e Políticas Públicas de Habitação, Porto: Universidade do Porto - Faculdade de Arquitectura, Projeto de Investigação (FCT) Mapa da Habitação, 2019 [edição digital].

Em comparação com o plano de 1919, a cidade além de expandir no sentido axial, apresenta uma maior preocupação e interesse na qualidade ambiental do espaço, que se apresenta pela inserção de áreas verdes urbanizadas como parques, ruas arborizadas, áreas verdes reservadas a pecuária, agricultura na zona de Granja (A- circundada à verde), e definição de um parque florestal de modo a suprir as necessidades que a densidade construtiva vem a criar para o território.

“A Guiné assiste assim à disseminação de um padrão “desenvolvimentista” assente num modelo urbano. A opção presta-se a duas interpretações: 1) A regra seguida nas diversas cidades e vilas reflecte a dimensão “não realista” do projecto (ou do desenho urbano) em face da realidade (representada pela capacidade de realização da arquitectura); 2) Presta-se à montagem de um cenário adequado a festividades e comemorações do poder colonial. As duas hipóteses, contudo, não contrariam o facto de se procurar obter e divulgar uma imagem de urbanidade.”⁹ Ainda referente às áreas verdes, a zona B circundada à verde , ainda hoje é mantida como área verde não urbanizada de solo agrícola e florestal enquanto que, a zona C também circundada a verde, reservada como espaço verde arborizado atualmente abrange uma ocupação irregular associada a necessidade de inserção nesta zona.

Em análise ao mapa, podemos ainda verificar uma concentração de equipamentos principais nas zonas verdes no meio construído, estes edifícios em conjunto com os verdes criam pequenos núcleos dentro da estrutura urbana. Podemos dizer que a Av.da República (atual Av.Amilcar Cabral) continua

⁹ MILHEIRO, Ana Vaz-O Gabinete de Urbanização Colonial e o traçado das cidades luso-africanas na última fase do período colonial português. urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana. 2012, 4(2), 215-232. pág.223. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193124832005> Acedido em 12.04.2022



Fig.5- Urbanístico de 1948. Plano Geral de Urbanização da cidade de Bissau, Bissau 12/06/1948, Sarmento Rodrigues (Arquivo Histórico Ultramarino, rolo 22) Fonte: Luís Pavão e Laura Guerreiro, 2012 - Análise do autor.

como principal eixo monumental de representação da instalação colona no território guineense associada a praça do império (atual praça dos heróis nacionais) .

Em análise à implantação de edifícios no Plano Geral de Urbanização da cidade de Bissau de 1948, a Av.Francisco Mendes corta a malha urbana, dividindo-a a norte e a sul, em relação ao Rio Geba. A interrupção da sua construção no limite que separa a zona urbanizada do subúrbio indígena, sugere o ponto de entrada para o centro da cidade. Atualmente é a Avenida com maior fluxo viário, e que cresce exponencialmente ao longo de todo o processo de crescimento da cidade, pois é ao longo da mesma que a cidade cresce e faz ligação com o Aeroporto e outras grandes infraestruturas caraterizadoras da cidade como iremos ver mais adiante.

O desenho de Eduardo José Pereira, mostra ainda na sua forma urbana, espaços desocupados dentro dos limites da cidade consolidada, como é o exemplo do bairro de Antula e de um outro bairro não identificado próximo ao ponto 5 da delimitação do terreno. “Dá-se indicação da localização das velhas e novas estruturas que equipam a cidade: cemitério, hospital, estádio, zona industrial, bairros residenciais, económicos e comerciais; e assinalam-se edifícios muito específicos: o Palácio do Governo, a Associação Comercial (que será depois implantada noutro lote), a Sé catedral, a Câmara Municipal ou o novo mercado (os dois últimos não chegarão a ser construídos), a central eléctrica ou o museu.”¹⁰

Estamos perante um processo de desenvolvimento urbanístico da cidade tradicional em paralelo com a dualidade do sistema colonial. Com isto, a segmentação social entre os nativos e o

¹⁰ MILHEIRO, Ana Vaz-O Gabinete de Urbanização Colonial e o traçado das cidades luso-africanas na última fase do período colonial português. urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana. 2012, 4(2), 215-232. pág.221. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193124832005> Acedido em 11.04.2022

colono é assinalada por uma regra de delimitação territorial baseada no estatuto populacional e no conceito de modernidade.

De facto, existe um paralelo entre a cidade tradicional e a cidade de domínio europeu apontado durante as últimas décadas. Esse paralelismo percorre diversas vertentes sociais presentes nas ideologias urbanas desenvolvidas para Bissau e outras cidades onde o domínio europeu entra em confronto com os aglomerados tradicionais e, a partir do qual, traçam-se novos modelos para dar resposta a estas demandas.

"A opção pela baixa densidade repercute-se igualmente na definição dos “bairros indígenas”, designados por “bairros populares” a partir de 1959, que preenchem as margens da cidade formal.”¹¹ O estudo destes bairros populares sucede o plano de 1948, e parece se preocupar muito mais com questões humanitárias, de integração social e de melhoria das condições habitacionais presentes na cidade tradicional em degradação devido às guerras e ao crescimento espontâneo dos aglomerados habitacionais nativos.

● Plano de 1959

Os bairros “*indígenas*”, como referidos anteriormente, são bastante comuns em cidades de colonização portuguesa, tais como, Maputo, Luanda, incluindo Bissau.

Estes assentamentos espontâneos, durante a década de 40/50 começaram a criar uma grande preocupação em relação à regularização da forma urbana das cidades.

¹¹ MILHEIRO, Ana Vaz-O Gabinete de Urbanização Colonial e o traçado das cidades luso-africanas na última fase do período colonial português. *urbe, Revista Brasileira de Gestão Urbana*. 2012, 4(2), 215-232. pág.221. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193124832005> Acedido em 11.04.2022

Com isto, é elaborado por Mário de Oliveira o Plano de Urbanização dos bairros populares de Bissau de 1959.

O plano revela um caráter humanitário, de integração social, de desenvolvimento de comunidades multirraciais e adaptação local.

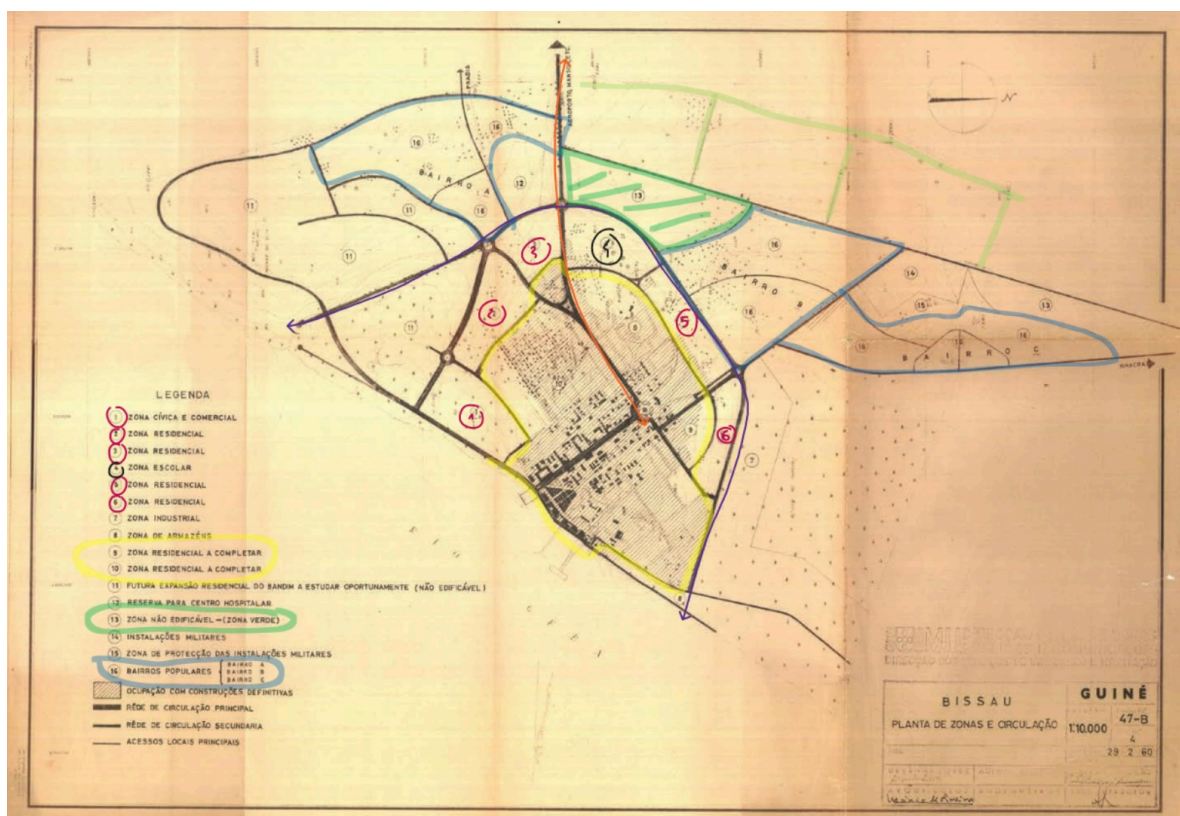
“É certo que não temos a pretensão de considerar um urbanismo peculiar no ultramar português, e sabemos que nesta complexa ciência e arte existem leis universais, mas o que nunca podemos esquecer é que o Urbanismo para corresponder ao seu fim tem que se adaptar às circunstâncias do ambiente e características locais.”¹²

Neste plano, estamos certamente perante a definição das formas elementares de povoamento, com as condicionantes da localização industrial, atividades primárias, ou seja, perante uma tentativa de estabelecer uma relação “população-serviço” e condições benéficas aos usuários, pondo em abstrato o padrão tradicional/cultural, e revisando o conceito e o efeito da personalidade humana sobre o desenvolvimento urbano. “A estrutura urbana de integração social e convivência nas nossas províncias ultramarinas visa principalmente proporcionar a vida em grupos sem discriminação de etnias.”¹³

Em análise ao mapa de 1960, que retrata o Plano e Urbanização dos Bairros Populares em Bissau de Mário de Oliveira, alguns pontos despertam o interesse no que diz respeito à qualificação dos bairros populares, assim como a fixação dos mesmos. “(...) a delimitação menos clara dos lotes acaba por permitir a implantação de novas construções,

¹² OLIVEIRA, Mário. Problemas essenciais do urbanismo no ultramar : estruturas urbanas de integração e convivência - Lisboa : Agência Geral do Ultramar, 1962. pág.8

¹³ OLIVEIRA, Mário. Problemas essenciais do urbanismo no ultramar : estruturas urbanas de integração e convivência - Lisboa : Agência Geral do Ultramar, 1962. pág.11



- Fig.6- Plano de Urbanização dos bairros populares de Bissau (1959), Mário de Oliveira (Arquivo Histórico Ultramarino, rolo 22) Fonte: Luís Pavão e Laura Guerreiro, 2012- Análise do autor.

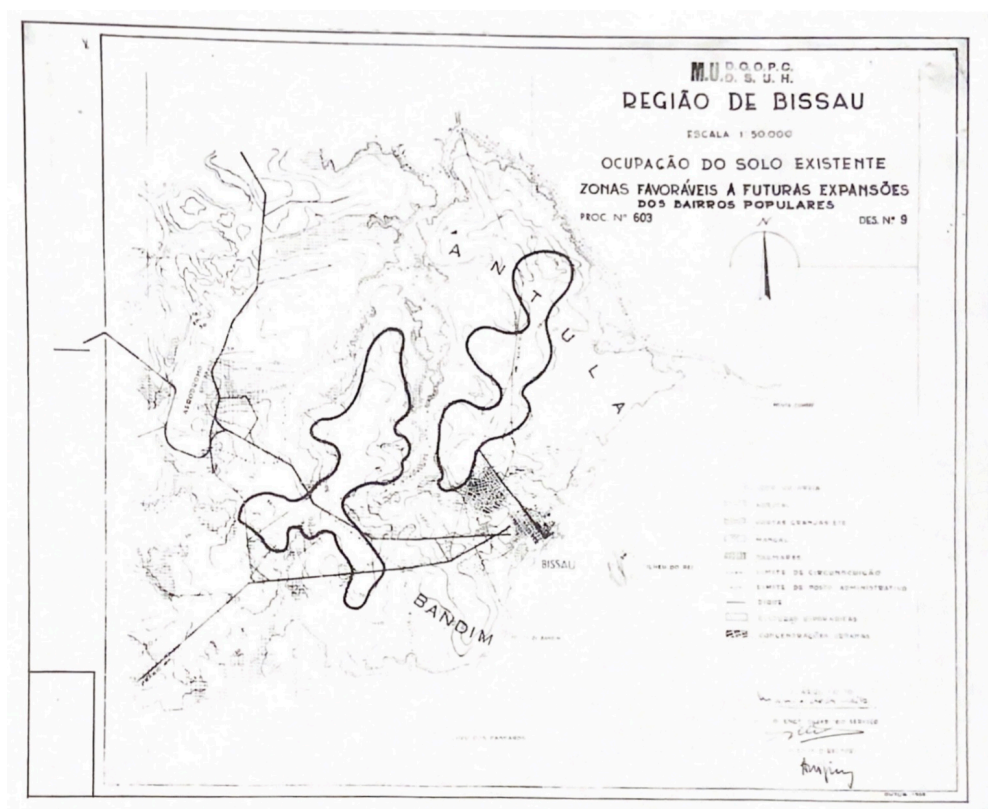


Fig.7- Plano de Ocupação do solo existente, zonas favoráveis a futuras expansões dos bairros populares (1959), Mario de Oliveira.

acentuando-se a génese espontânea dos assentamentos”¹⁴

A forma urbana se decompõe numa morfologia muito organicista demonstrada no desenho das redes de circulação. Estas redes exercem um papel importante na divisão e qualificação funcional das respectivas áreas em causa, como exemplo, o eixo da Av. Francisco Mendes conectado ao Aeroporto, assim como uma via secundária em direção a Prabis (sector de Biombo).

A cidade parece expandir-se para oeste de forma espontânea partindo da zona consolidada (centro) para os subúrbios. Esta área central, apresenta uma maior densidade construtiva, implantação dos principais equipamentos da cidade, residências maioritariamente de linguagem moderna com ligação direta ao cais de Pinjiguiti e que por sua vez, apresentam uma estrutura urbana diferenciada entre elas e em todo o seu conjunto. “ Nos novos aglomerados a «paróquia» e o «centro social» têm uma ação preponderante na estrutura social a definir.”¹⁵

Neste cenário, é visível espaços inalterados para futuros planos que venham a solucionar/implementar uma política para a zona assinalada como *"futura expansão residencial do Bandim a estudar Oportunamente(Não Edificável)"* o que sugere a habitação como método prioritário para estruturação, integração e urbanização da cidade.

O plano, desenvolvido em colaboração com o arquiteto João Aguiar, tinha como principal objetivo “a criação de áreas organizadas em condições de satisfazer o realojamento

¹⁴ MILHEIRO, Ana Vaz-O Gabinete de Urbanização Colonial e o traçado das cidades luso-africanas na última fase do período colonial português. urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana. 2012, 4(2), 215-232. pág.222. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193124832005> Acedido em 11.04.2022

¹⁵ OLIVEIRA, Mário. Problemas essenciais do urbanismo no ultramar : estruturas urbanas de integração e convivência - Lisboa : Agência Geral do Ultramar, 1962. pág.9

progressivo da população indígena existente (cerca de 9000 habitantes) e o aumento da população da cidade nos próximos anos, que se não pode prever de maneira segura”¹⁶

De facto, nesta análise, com base na legenda de Mário de Oliveira cruzada com o próprio desenho, existe uma preferência pela implementação de bairros residenciais (1,2,3,5,6) envolventes a área residencial, cívica e comercial, com a exceção de uma área (4) atribuída a funções didáticas onde são implantados em planos futuros escolas e liceus. Em visita de campo, foi possível constatar que, atualmente, esta área é definida não só pelos equipamentos educativos, mas igualmente pelas habitações formais e informais, comércio formal e informal, entre outros, como é recorrente neste objeto de estudo, que é a cidade de Bissau.

Na terceira parte desta repartição, assinalada pela via de circulação principal, estamos perante a informalidade habitacional, os ditos "assentamentos informais" associados à áreas verdes agrícolas ou florestais que tem uma vasta influência na escolha da fixação dos mesmos devidos aos hábitos, culturas, e atividades de cada população nativa.

Os bairros informais em estudo e reabilitação, foram divididos em 3 polos: A, B e C pelo que consta no mapa. O afastamento destes assentamentos de nativos em relação ao centro urbano, sugere uma forte segmentação e exclusão social pelos colonizadores refletida no desenho urbano e que vai além da intervenção nas terras guineenses romantizadas e justificadas como a "urbanização da cidade" , o que de facto acontece em grande parte do território.

¹⁶ OLIVEIRA, Mário. Problemas essenciais do urbanismo no ultramar : estruturas urbanas de integração e convivência - Lisboa : Agência Geral do Ultramar, 1962. pág.37.

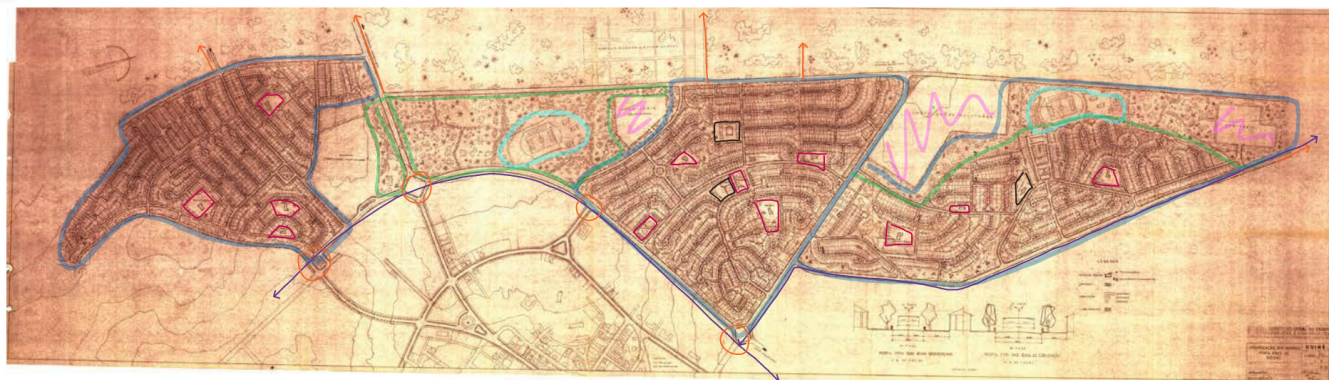


Fig.8- Plano de Urbanização dos bairros populares de Bissau (1959) de Mário de Oliveira - Análise do autor.

Através deste plano, propõe-se uma arquitetura "melhor", inovadora, que apesar de impressionista também é racionalista para realocação da população nativa e melhorar as condições destes bairros nativos, com a capacidade de garantir e atender as necessidades básicas da população, hábitos, evolução intelectual da população e consequentemente a evolução de todo o meio urbano da cidade de Bissau fundindo a dualidade existente na cidade em expansão.

Na escala geral de implantação, segundo o plano, o bairro A localiza-se próximo a zona reservada para futura expansão residencial (atual zona de Bandim) e afastada dos outros dois bairros pela via principal de acesso ao centro mas unida aos outros bairros pela atual Av. Brasil e Rua Ermelinda Gomes que segregam a zona indígena e a zona urbana.

O bairro B e C, implantam-se mais a norte e junto da atual Rua Ermelinda Gomes separadas por uma via principal, a Estrada de Santa Luzia.

No desenho de ambos os bairros também é perceptível a implantação de equipamentos de maior protagonismo (indicados a vermelho), presença de grandes zonas de áreas verdes nas proximidades, campos desportivos (circundados à azul claro) implantados nessas áreas verdes, edifícios que em planta parecem ser de carácter religioso(indicadas à preto), e ainda áreas reservadas à expansão.

A uma escala mais aproximada é possível perceber áreas de ocupação com equipamentos distintos dos habitacionais aqui expostos, apesar de ilegível, Diniz (2013) identifica estes : "Tendo em atenção as características da população de cada aglomerado, foi definida a seguinte ocupação do solo: zonas de interesse público, onde se encontravam as escolas, templos, instalações desportivas, postos de assistência médica; zonas comerciais, onde predominava a construção em bloco, rés-do-chão destinado ao comércio e pisos superiores à habitação; zonas residenciais, constituídas por moradias unifamiliares, isoladas, geminadas e em banda; e espaços livres públicos, áreas arborizadas destinada ao repouso e recreio." ¹⁷

O plano de 1959 não foi realizado na sua maioria, com a exceção das redes viárias, que continuam parcialmente presentes no traçado atual da cidade, assim como uma grande densidade de assentamentos informais, em que apenas alguns deles cumprem a organização proposta em relação à rua, como é possível observar na análise do Bairro C em relação a rua Ermelinda Gomes e outros espaços também identificados através da comparação entre o mapa de 1959 e as imagens de satélite atuais (2022). "Embora as principais vias sejam implementadas, a delimitação menos clara dos lotes acaba por permitir a implantação de novas construções, acentuando-se a génese espontânea dos assentamentos." ¹⁸

¹⁷ DINIZ, Claudia. Admirável Mundo Novo Contágio: Espaço, Tempo, Escala. 2013. pág.68

¹⁸ MILHEIRO, Ana Vaz-O Gabinete de Urbanização Colonial e o traçado das cidades luso-africanas na última fase do período colonial português. urbe, Revista Brasileira de Gestão Urbana. 2012, 4(2), 215-232. pág.222. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193124832005> Acedido em 12.04.2022

- **Plano de 1971**

Em análise ao plano diretor de Bissau de 1971, percebe-se uma maior intensificação das áreas habitacionais(bairros populares) no centro da cidade; distribuindo as zonas industriais para áreas envolventes seguindo o plano de 1948 abordados anteriormente e que refletem a condição atual desta mesma zona que se intensifica com a implementação de pequenas e grandes indústrias, e armazéns empresariais e pessoais. Assim como a baixa intensidade de áreas verdes na cidade e no centro urbanizado um fator também observado ao longo do principal eixo estruturante da cidade, Av. Dos Combatentes da Liberdade da Pátria, em que a principal prioridade notória no seu projeto é relativo a grandes infraestruturas deixando para segundo plano a estrutura verde e o tema da da ecologia ambiental.

Os Planos Urbanos endereçados para Bissau, e que antecederam a independência, abordam um paradigma que envolve a transformação da cidade tradicional, e diversos paradigmas de uma cidade em processo de evolução em todo o seu contexto, e que subsequentemente, no pós independência este processo apresenta outras exigências.

Do Pós-independência à Atualidade

Do Pós-independência à Atualidade

Morfologia

A morfologia da cidade corresponde a paisagem urbana, a forma e a função que a origina.

Bissau, no seu traçado, apresenta um desenho diversificado na forma dos bairros, dos quarteirões, e de pequenos núcleos urbanos.

De facto, a cidade é um todo de elementos que respondem às necessidades e a realidade humana, esta resposta é dada pela função desejada e exposta pela forma que acompanha uma estrutura que se baseia num determinado princípio.

“A forma dos lotes de uma cidade, a sua formação, a sua evolução, representa a longa história da propriedade urbana.”¹⁹

O modo como a cidade se expande em relação ao centro, com base nos planos estudados até então, sugere uma misticidade na expansão e configuração urbana, onde o centro como em muitas das cidades coloniais é privilegiado na sua funcionalidade, linguagem, desenho, estruturação, com um processo de urbanização muito mais aperfeiçoado e que tende a difundir-se quanto mais a cidade se abre para lá do centro.

Sendo uma cidade pequena, limitada pelos setores regionais de Nhacra, Prabís e Safim, a cidade de Bissau apresenta uma área de 78 km², bastante inferior às demais, mas com uma maior percentagem de população. Com isto, torna-se necessário mencionar a relação entre a capital e os seus arredores.

A cidade cresce tendencialmente em direção aos setores de Safim e Prabís como exposto nos planos

¹⁹ ALDO, Rossi - A arquitetura da cidade. Edições Cosmos, Lisboa, 2001, pág.57

posteriores. Este fato deve-se provavelmente à contínua ligação entre o centro e os subúrbios sem a necessidade de altas infraestruturas como grandes pontes, uma vez que se trata de uma cidade de baixa densidade construtiva em um país com baixo poder económico.

O desenho do tecido urbano mostra uma forte fixação que se alastra em oposição ao centro ao longo das vias primárias seguindo as principais infraestruturas viárias.

Atualmente a cidade subdivide-se em 4 zonas, e 82 pequenos bairros no seu total dos quais 29 aparecem no mapa de identificação das zonas do programa “Bissau 2030”²⁰ onde a Av.Dos Combatentes da Liberdade é a principal artéria de divisão e articulação das zonas.

Efetuando uma comparação da expansão, da morfologia urbana e implantação dos bairros entre 1984 e 2022 , observa-se um grande crescimento ao longo das principais vias e eixos da cidade com exceção do centro, partindo da borda dos principais eixos viários os novos núcleos populacionais vão se estendendo para dentro dos quarteirões e crescem de forma maioritariamente irregular , descontrolada o que ultrapassa o estudo prévio e questionamento das condições de habitação e fixação nestes territórios.

²⁰ Programa desenvolvido pela ONU-Habitat em parceria com o governo da Guiné-Bissau em 2018.

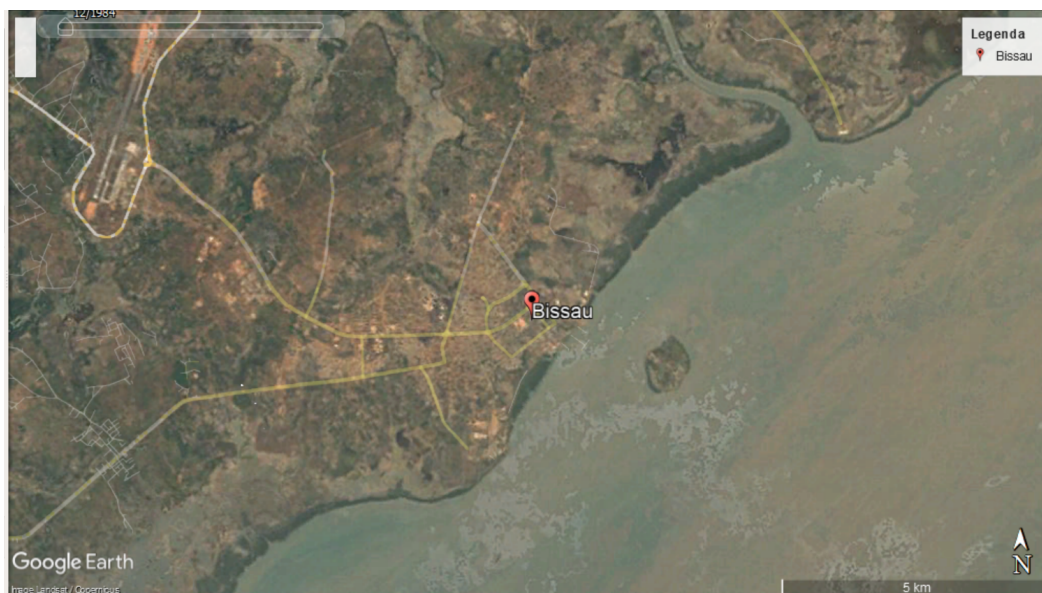


Fig.9- Bissau-1984 (Fonte: Google Earth)

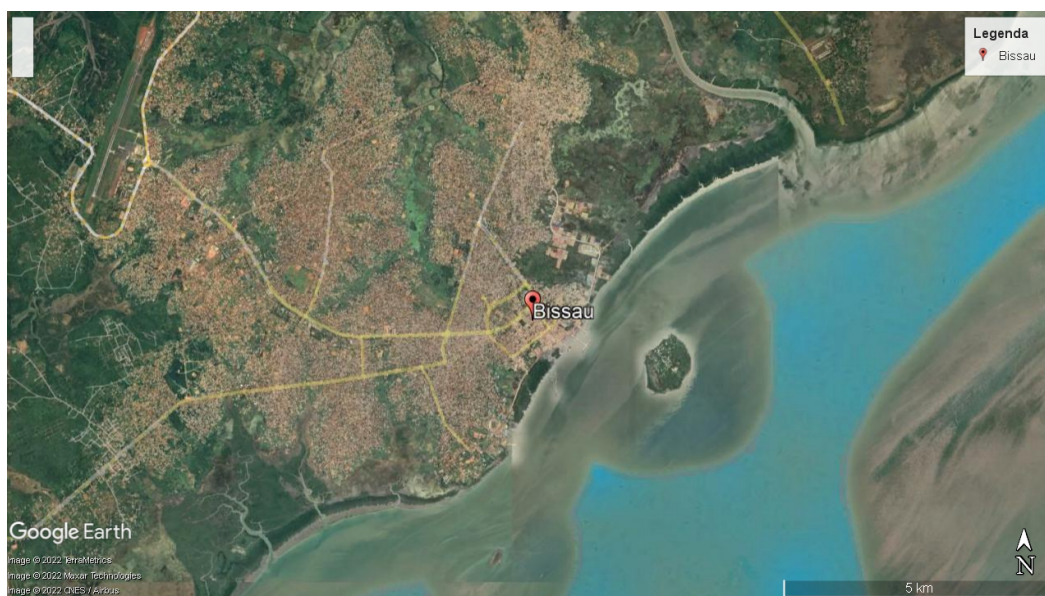


Fig.10- Bissau-2022 (Fonte: Google Earth)

Aldo Rossi, na sua pesquisa sobre a arquitetura da cidade, faz referência a uma das teorias de Camillo Sitte sobre a construção das cidades “Nós temos hoje três sistemas principais para construir a cidade: o sistema ortogonal, o sistema radial e o sistema triangular. As variantes resultam geralmente da combinação dos três métodos. Todos estes sistemas têm um valor artístico nulo; a sua finalidade exclusiva é a regulamentação da rede viária; é, portanto, uma finalidade puramente técnica.”²¹

Em parte das cidade coloniais é perceptível o valor atribuído aos sistemas de construção radial das cidades, isto, até um dado momento onde entra em vigor o período do pós-independência, a necessidade torna-se maioritariamente técnica, objetiva e conclusiva, mais do que artística quando nos referimos ao desenvolvimento regulamentado e a construção das cidades perante o meio urbano.

As prioridades são diferentes em cada época, e, consequentemente, alteram-se os valores em seguimento dos então considerados princípios e elementos dessa concepção.

De facto, Bissau não deixa de ser exceção, mas interessa aqui perceber a ideologia e os principais motivadores do estado mais atual, que parte da era da libertação colonial. O modo como a cidade evolui transcende o fator técnico e conclusivo, mas é com base nestes fatores, que opta-se por fundamentar o trabalho em causa e expor a evolução urbana do objeto em estudo.

“A forma da cidade é sempre a forma de um tempo da cidade; existem muitos tempos na forma da cidade.”²²

²¹ ALDO, Rossi - A arquitetura da cidade. Edições Cosmos, Lisboa, 2001, pág.46-47

²² ALDO, Rossi - A arquitetura da cidade. Edições Cosmos, Lisboa, 2001, pág.72

Síntese territorial

Através de uma análise ao território, tendo em consideração a sua densidade populacional, percebe-se que a zona de baixa densidade populacional ocupa maior parte do território com maior número de habitantes enquanto que a zona de alta densidade populacional (mancha cinza escura) ocupa uma pequena área em todo o tecido urbano, o que infere estarmos perante um caso de desequilíbrio das capacidades urbanas e uma superlotação de assentamentos.

Os bairros identificados em zonas de alta densidade populacional, demonstram ainda ser uma zona de maior caos urbano com uma maior densidade de edificações, assentamentos mais precários e desorganizados, onde as atividades como comércio formal e informal, pequenas e grandes empresas que se instalam junto ao principal eixo da cidade, tendo um maior protagonismo em relação aos assentamentos habitacionais aí desenvolvidos.

No geral, o uso residencial e comercial se cruzam no centro da cidade, com uma pequena percentagem de edifícios educacionais, e de saúde, que se espalham maioritariamente pelo resto da cidade, assim como edifícios públicos. O centro pode assim ser definido como uma área de múltiplas funcionalidades, mas é importante ressaltar que a garantia funcional e económica de grande parte da cidade não está apenas aí centralizada.

De facto, é explícito que o que caracteriza a cidade de Bissau no que diz respeito às actividades nela presente, é o comércio pelo impacto que este tem no dia a dia da população e na paisagem urbana num dos principais eixos da cidade, se não o principal.

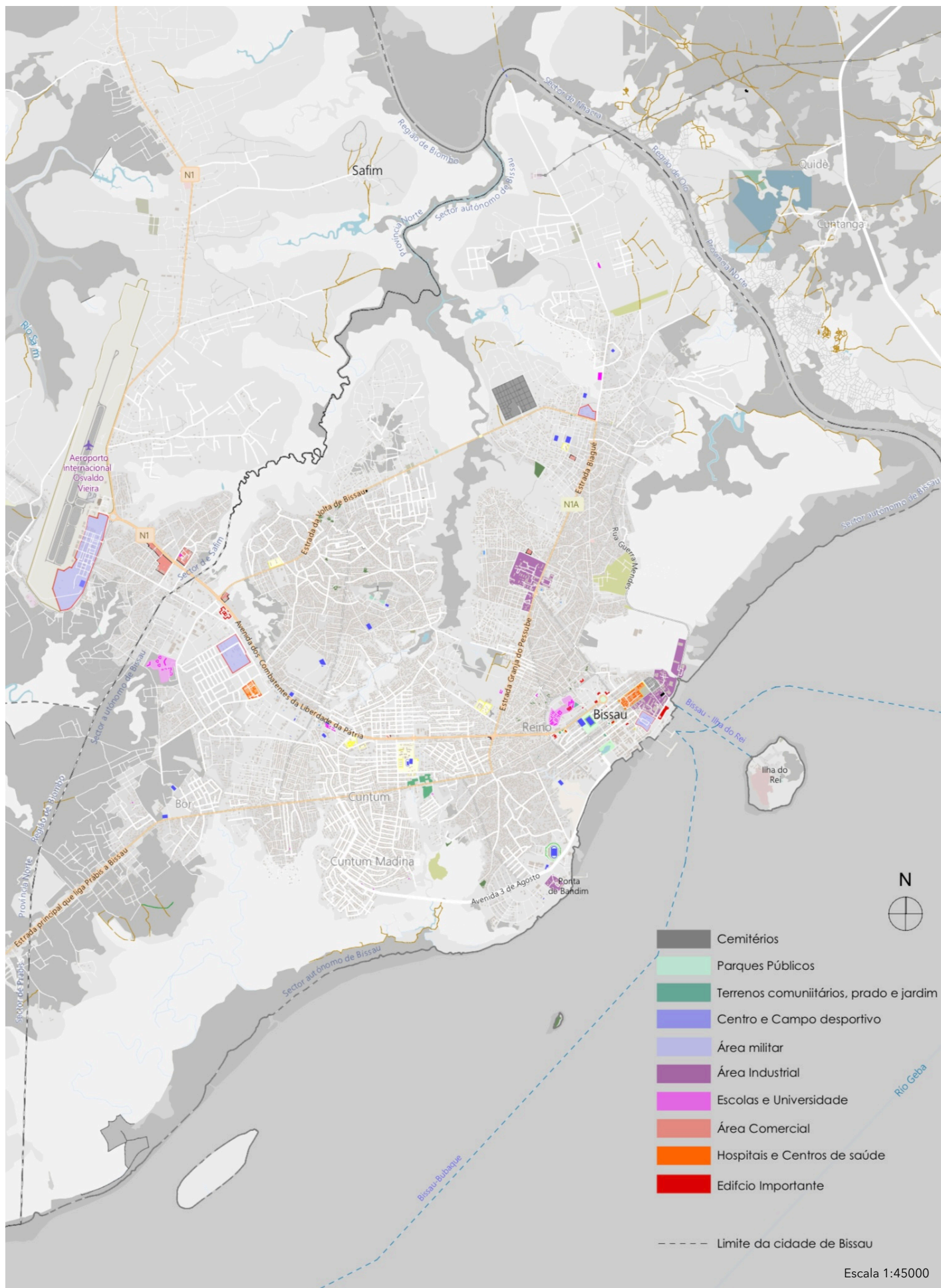


Fig.11- Mapa de Equipamentos de Bissau

Outras atividades básicas, e dirigentes da cidade também se espalham pela capital, mas com maior aglomeração na zona centro.

A saúde e educação entram com uma menor percentagem na distribuição urbana como se pode observar no mapa de atividades e centro elaborada pela ONU (Fig.12). Dos 32 bairros da capital, não existe por exemplo o registo de existência de escolas em 3 bairros : Plaque 2, Cuntum Madina e Santa luzia, neles implantados segundo os dados do mesmo, o que tem sido tema de debate em questões governamentais, e atualizados em planos posteriores a esta análise.

“ A forma dos lotes de uma cidade, a sua formação, a sua evolução, representa a longa história da propriedade urbana; e a história das classes profundamente ligadas à cidade.”²³

Bairros

Não só os bairros informais e os da cidade colonial caracterizam a morfologia urbana de Bissau, no meio da mesma, alguns dos bairros formados a partir do pós independência apresentam um traçado tão nítido quanto a cidade colonial e uma linguagem arquitectónica difusa. A volta destes também é possível encontrar uma quarta tipologia de bairro que cruza o traçado formal e informal , a habitação moderna e tradicional, são bairros que apresentam uma melhor condição das infraestruturas básicas mas que não deixam de ser bairros com alguma informalidade e deficiência urbana.

A classificação dos bairros está relacionada igualmente com a classificação e uso do solo. É comum classificarmos as zonas de acordo com a concentração de um maior número de

²³ ALDO, Rossi - A arquitetura da cidade. Edições Cosmos, Lisboa, 2001, pág.57

equipamentos, construções ou edifícios e de acordo com as funções que os mesmos desempenham.

Em Bissau por exemplo, a indústria se concentra maioritariamente na zona costeira, com acesso ao Porto Industrial.²⁴ Sendo comum a localização de indústrias longe do centro das cidades. Esta realidade tem as suas vantagens e desvantagens em alguns casos onde a implementação da indústria interfere com a condição ambiental de uma determinada zona próxima do centro, interferindo no quotidiano da população, em áreas residenciais, de saúde, salubridade, saneamento, entre outros.

Como potencial, e melhor gestão de território, alguns projetos tratam o tema do uso do solo como um meio favorável para o desenvolvimento urbano da cidade. “ Um plano de uso do solo oferece uma visão para as futuras possibilidades de desenvolvimento em bairros e cidades.”²⁵

²⁴ MENDES, Francisco. A Intervenção em espaço urbano na cidade de Bissau Guiné-Bissau. pág.110

²⁵ ONU-HABITAT- Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat) 2019 e Câmara Municipal de Bissau.pág .20

Expansão

A expansão da cidade é condicionada por múltiplos elementos em diversas vertentes, desde o urbanismo à questões políticas, sócio-económicas, culturais e tradicionais.

Os recursos naturais envolventes a cidade, fazem igualmente parte destas condicionantes podendo ser considerados como “limitadores” na expansão da cidade a nível do solo, o que acontece em diversos países tropicais ou localizados em zonas costeiras.

De facto, a cidade de Bissau se expande para oeste até a zona do aeroporto, e em seguida maioritariamente a partir do mesmo para norte, mas o que não exclui o fato de ela crescer para oeste como atualmente acontece e que a uma escala mais afastada é quase imperceptível, pois a vegetação e os recursos naturais são predominantemente mais expostos.

Nos seus arredores começam a ter uma maior atenção às condições que a zona oferece seguindo ideologias mais específicas e/ou individualizadas, o que não acontece por exemplo na zona centro de Bissau. A questão já levantada e comentada segundo o Manual de Boas práticas sobre a Arquitectura Sustentável na Guiné Bissau²⁶, e referenciada numa palestra sobre o urbanismo africano²⁷, relativo à apropriação e inserção no território, podemos até exemplificar essas ideologias como: a cultura do coletivo e o conceito da ancestralidade.

²⁶ GUEDES Manuel Correia, Arquitectura sustentável na Guiné-Bissau : manual de boas práticas. [S.l.] : Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, [2011]. ISBN 978-989-97178-0-0

²⁷ JÚNIOR Henrique Cunha, “Urbanismo africano: da antiguidade aos dias atuais” (palestra), UFRJ, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DQ5DIKCsXTw&t=4047s>.

Cada vez mais, estes conceitos deixam de ser aplicados no dia a dia ou no processo de implantação no território. Atualmente a escolha de vida numa determinada zona provém da herança, como mencionado anteriormente, da baixa renda, ou da necessidade de alojamento na capital.

"Estima-se que cerca de 90% da população vive em zonas não planeadas da cidade (CMB, 2009)." ²⁸ O que em 2019, atualmente deve ter reduzido a percentagem.

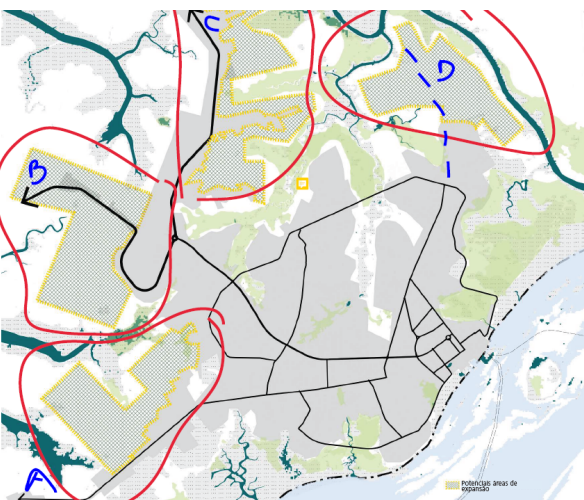
Com isto, e no que concerne ao fator social, a migração por exemplo, acaba por ser considerada igualmente um elemento determinante no crescimento da cidade desde a revolução industrial. A migração rural-urbano na Guiné-Bissau aumentou nos últimos anos para 43.4% segundo os dados recolhidos pela UNDESA 2018.²⁹ A migração rural-urbano é uma característica predominante na sociedade em desenvolvimento em paralelo com a necessidade do ser humano em contornar aquilo que para ele é desfavorável à sua condição de vida.



Fig.14- Fotografia do Mercado de Bandim, intitulada *"Mãe Magoada"*

²⁸ ONU-HABITAT- Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat) 2019 e Câmara Municipal de Bissau. pág.18

²⁹ Departamento de Economia e Assuntos sociais das Nações Unidas (UN DESA) .



As cidades englobam fatores que fazem parte do seu processo de organização e estruturação, da interação entre as complexas infraestruturas e os aspectos da vida urbana da população. Com isto, pode-se dizer que as redes infra-estruturais são indispensáveis à estruturação urbana e incluem serviços que nem sempre são devida e uniformemente distribuídos. *“Traditionally, they have been seen to be systems that require public regulation so that they somehow add cohesion to territory, often in the name of some ‘public interest’.”*³⁰

Fig.15- Mapa de Potenciais Zonas de Expansão, ONU-Habitat.- Análise da autora

Em Bissau, existe claramente um déficit de serviços infra estruturais adequados à população que se revela na paisagem urbana e que exige um “varrer” radical de todos os aspetos dessa paisagem através da reformulação de estratégias, das mais abstratas que envolvem diversas áreas da cidade enquanto “sociedade”, assim como, das mais técnicas e objetivas que envolvem por exemplo, sistemas de construção, preservação, redes de infraestruturas e outros. Uma das soluções prováveis à esse déficit é a criação de condições favoráveis, sistema de equipamentos básicos em funcionamento, solo qualificado, assim como a inserção de vias qualificadas para o norte da cidade segundo os programas governamentais de desenvolvimento urbano mais atuais como o *“NôBissau”* e o *“Hora Tchiga”*.

As principais áreas de expansão urbana encontram-se ligadas às principais vias da cidade (A, B, C e D) localizadas numa área oficialmente pertencente à outras regiões, ou seja, vai além dos limites da cidade, mas ainda assim é referida como Bissau pelos guineenses devido a proximidade e o fluxo de atividades ao qual se prendem à capital.

³⁰ (GRAHAM, Stephen - Splintering urbanism : networked infrastructures, technological mobilities and the urban condition. London : Routledge, 2002. p.12)

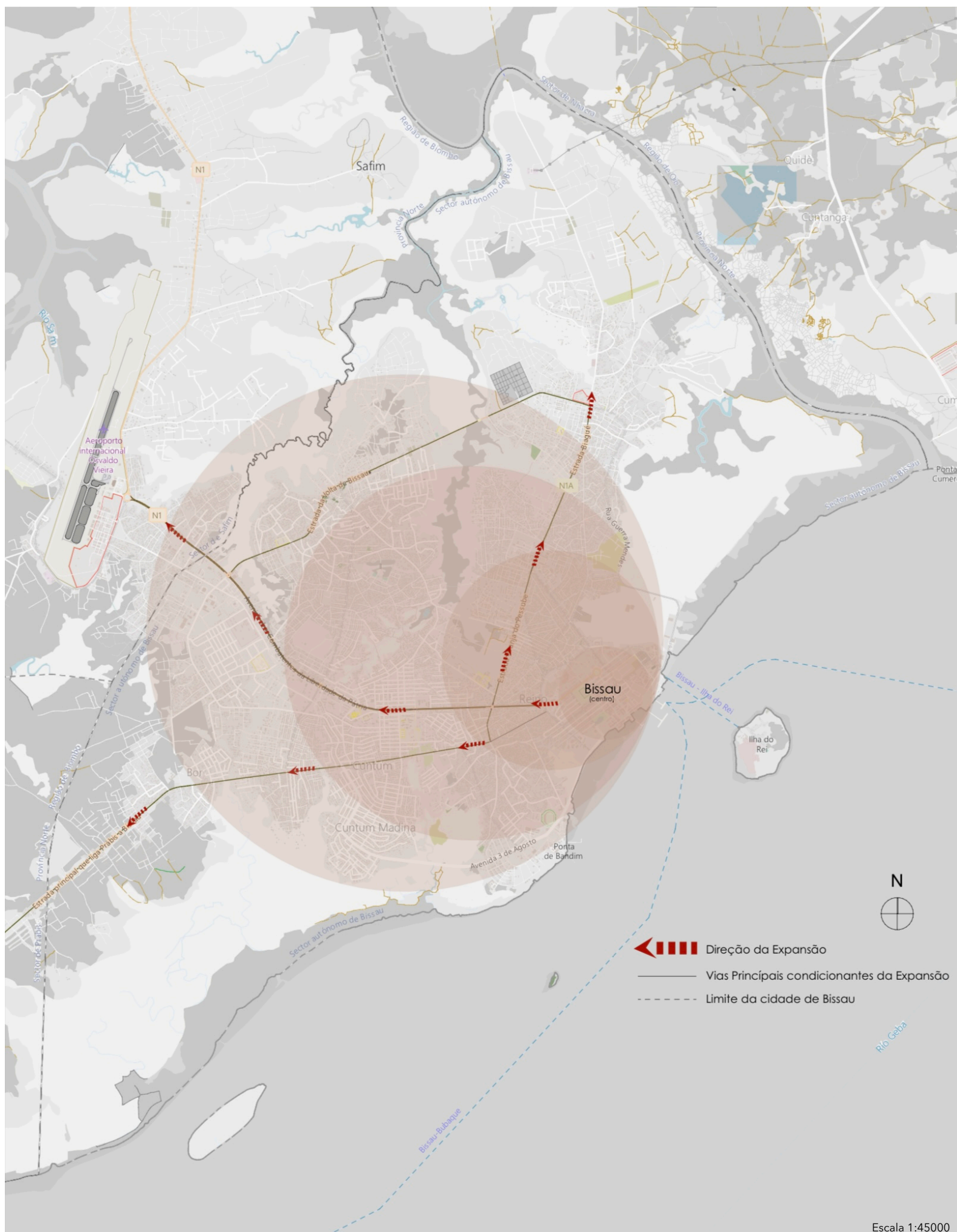


Fig.16- Mapa Esquemático de Expansão e Crescimento da cidade de Bissau.

Pode-se constatar que estamos perante uma expansão horizontal, protagonista no desenvolvimento urbano da cidade com construções de baixa densidade e consequentemente uma sobre-lotação da capacidade urbana. Este fator é ainda desenvolvido mais recentemente no Plano estratégico de 2020 procurando soluções para a sobre-lotação urbana e o controlo da expansão urbana desequilibrada.

A expansão urbana em Bissau, conecta-se às iniciativas de desenvolvimento urbano, assentes em princípios de renovação urbana e cultural em Bissau, desenvolvimento sustentável, (re)integração e participação social, o uso de infraestruturas eficazes para avanço económico entre outros expostos em planos de desenvolvimento.

No meio dos planos diretores para execução imediata do plano “*Guiné-Bissau 2025*” por exemplo, está o Esquema director das infra estruturas de transporte e gestão do território, Esquema Diretor de Eletricidade e de Água potável, Programas de participação cidadã, Educação ambiental, Participação das comunidades rurais, elaboração e implementação dum Plano Climático, Estratégias para Garantir o acesso a moradias adequadas, seguras e acessíveis para todos e urbanizar os assentamentos informais, Estratégia para Construir um sistema de mobilidade inteligente, integrado, acessível e seguro, Estratégia para Melhorar a infraestrutura social e económica para promover a competitividade e a redução da pobreza, entre outros.

De facto, existem diversos programas governamentais que visam melhorar o meio urbano. Mas, torna-se necessária uma melhor estruturação e um maior controle através do planeamento integrado e que garantam a eficácia da expansão urbana, isto tendo em conta a situação que se presencia na

cidade, sem esquecer que estamos perante uma capital dum país subdesenvolvido, onde urbanismo e a arquitetura são dificilmente impregnados seguindo uma lógica regulamentada perante a sua condição urbana.



Fig.17- Fotografia do mercado de Tltininha- @Di Guiné

A Condição Urbana

A Condição Urbana

- Introdução a condição urbana



Fig.18- “Buzzing around the Streets”- Bissau Bonito



Fig.19- Estrada de Granja .

Ao longo dos anos, foram expostas intenções que visam o desenvolvimento do país e da capital, expostas em planos e programas de desenvolvimento que visem à solução de problemas específicos em campos como educação, economia, acesso a esgoto, água, energia, habitação, e outros.³¹ Estas intenções, permitem de certo modo estudar e perceber as prioridades governamentais no âmbito social, urbano e arquitetónico para a cidade de Bissau perante as circunstâncias reais em que se vive hoje.

*"A luta pela independência da Guiné-Bissau trouxe consigo uma grande meta de progresso social e de apropriação do futuro" (...) A estratégia Guiné-Bissau 2025 tem como meta cumprir esta promessa de progresso social."*³² (pg.12 TR)

De modo a entender a forma como o urbanismo e a arquitetura surgem em alguns momentos como uma “exceção” às regras e em outros momentos como a própria regra no contexto guineense, e na procura de respostas às questões levantadas anteriormente, neste capítulo, procura-se interpretar **“Qual a condição urbana da cidade de Bissau?”** que por consequente implica evidenciar a diversidade construtiva e arquitectónica existente na cidade, expor as suas necessidades, potencialidades e realidade urbana.

³¹ como Nôbissau 2025, Nova agenda urbana 2036, Terra Ranka 2025, Agenda 2030, Bissau 2030

³² REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU- Plano Estratégico e Operacional 2015-2020 “Terra Ranka”, Documento II: Relatório Final, Bissau, 2015. pág.12

Torna-se aqui necessário um olhar breve sobre as condições e os recursos existentes no cenário , considerando os diversos aspetos mais relevantes da cidade e pondo lado a lado o conceito de urbano versus o conceito rural.

As fraquezas identificadas no meio urbano, convergem para a falta de um sistema funcional no planeamento e distribuição do solo, um crescimento urbano não planeado, ou seja, descontrolado a nível populacional, o que por sua vez converge para os problemas da falta de habitação, recursos limitados ou insuficientes para subsistência de um certo grupo de pessoas no centro urbano e rural, mas claro, a fraca capacidade económica e de gestão urbana também contribuem para o fraco estado urbano de Bissau, com serviços inadequados de drenagem , higiene, e outros componentes da cidade urbanizada. " As áreas urbanas exigem produtos e serviços ambientais das áreas rurais, enquanto as áreas rurais se beneficiam da demanda urbana e de serviços especializados, daí a necessidade do planeamento integrado."³³

³³ ONU-HABITAT- Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat) 2019 e Câmara Municipal de Bissau.pág .11

A elaboração e implementação das políticas de infraestrutura e desenvolvimento urbano é maioritariamente mal sucedida devido a questões políticas e pela fraca economia e estado. " A Guiné-Bissau é um dos países mais pobres e mais frágeis do mundo, dependendo muito de ajuda externa"³⁴

A cidade em si acaba por desenvolver padrões de urbanização incoerentes e impróprios com impacto na paisagem e na vida de cada cidadão guineense, em uns mais que os outros, mas todos acabam por ser afetados pelos desafios que estão presentes na capital e na sua morfologia. Com isto, a Condição aqui definida, se manifesta principalmente no comércio informal e no habitat (irregular, informal) que constituem um problema urbano, assim como os riscos ambientais, a deficiência da rede viária e de saneamento.

Nos próximos capítulos que se seguem, opta-se por classificar a condição urbana com base naquilo que aqui consideramos os principais elementos de qualificação urbana universal, no qual o estudo se apoia.

³⁴ONU-HABITAT- Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat) 2019 e Câmara Municipal de Bissau.pág .11

- **Rede viária e acessibilidade**

"Bissau tem aproximadamente 6,3% de seus terrenos alocados em vias e uma densidade da rede viária de 9,6 km/km². Como referência, a ONU-Habitat recomenda que esses números sejam pelo menos 30% e 18 km/km², respectivamente. Além da insuficiência de vias, suas condições são geralmente ruins, e 80% delas estão sem pavimentação (terra batida).

As infraestruturas viárias mais deterioradas são as secundárias, as que carecem de assistência técnica, atenção e boa gestão urbana, e as que não seguem nenhum plano específico e que surgem da ilegalidade assistida na apropriação territorial.

As infraestruturas estão "sub dependentes" e interligadas entre elas. Tal como o Porto de Bissau, principal porto da cidade, tem o acesso dificultado devido ao estado das vias de acesso aos serviços. Já o acesso ao aeroporto é muito mais fácil, seguindo a Av. dos Combatentes da Pátria. Esta artéria principal que liga ao centro da cidade, aproveita as vantagens de reter maior atenção do estado guineense pelo seu fluxo diário, o que não exclui o fato de ser uma via sensível que carece de uma profunda reabilitação e dum sistema de controlo e orientação pública pelas funcionalidades e tipologias de serviços que a acompanham.

Com isto, é necessário também mencionar o sistema de transporte público além de táxis, os conhecidos "toca-tocas" (minivans) que pertencem a um sistema mais precário e são os mais utilizados na cidade com certas limitações não ultrapassando o marco abstrato que é a entrada da "praça de bissau" onde estão centrados a maioria dos serviços de



Fig.20-Av.Principal



Fig.22- "Meios de Transporte na Guiné-Bissau"- Clebia Rosa

administração pública. Este "marco" conhecido pela população começa na Av. Francisco Mendes e envolve todo o resto da cidade "urbanizada", que, corresponde ao desenho da morfologia urbana da época colonial como representado por exemplo no mapa de Mario de Oliveira de 1959.

O plano *Terra Ranka*³⁵, fala da modernização das redes de infra-estruturais, mas ligada sobretudo aos benefícios que trará especialmente a economia do país e não só da capital, pela ligação melhorada que poderá estabelecer entre diferentes zonas internas e exteriores a Bissau, bem como a eficácia dos serviços de transporte distribuídas de igual modo, com acesso a toda a população. No quadro de principais projetos para o desenvolvimento do transporte rodoviário na Guiné-bissau, 2 dos 5 projetos, são destinados à Bissau :

- Construir terminais de passageiros
- Desenvolver os transportes públicos em Bissau

Atualmente, estão em execução projetos de reabilitação de vias , no núcleo colonial já é notória o avanço e o seu impacto na paisagem urbana e no funcionamento da cidade, quotidiano .

³⁵ Plano de desenvolvimento da Guiné-Bissau, elaborado em 2015 pelo Governo da Guiné-Bissau com previsão para 2025, composto por programas, projetos e campos de ação, que visam atender a urgências imediatas em diversos campos onde existe um défice de condições urbanas propícias e humanitárias na capital.

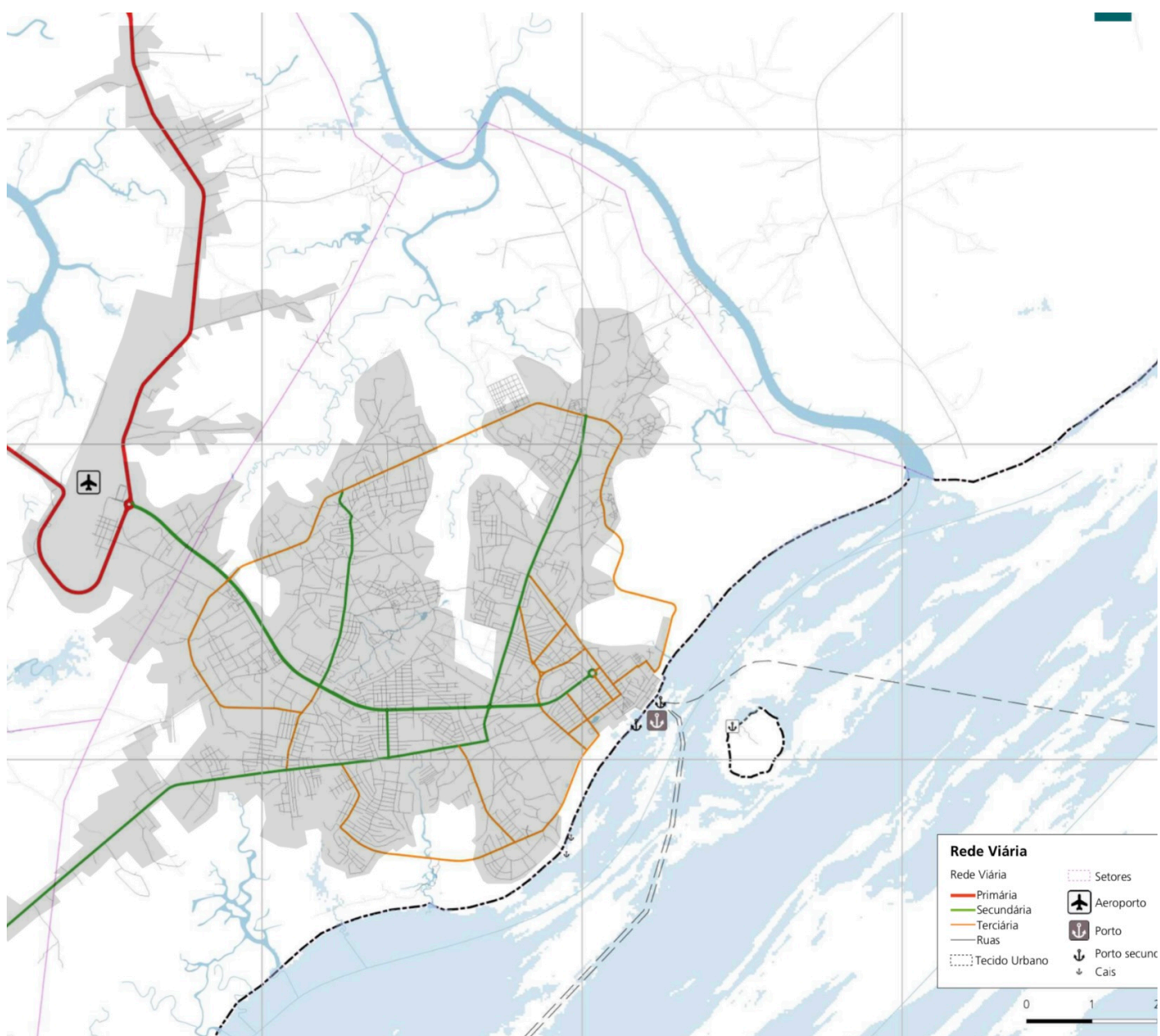


Fig.23- Mapa da Rede Viária de Bissau- ONU-Habitat

- **Rede hidrográfica**

No que concerne aos recursos que influenciam a condição urbana na capital, os recursos hídricos também têm o seu papel na caracterização dos bairros quanto a salubridade e riscos ambientais presentes em diferentes bairros. “As zonas húmidas constituem a maior parte da área terrestre e a terra adequada para urbanização está a tornar-se limitada.”³⁶

Mas o que não impede a realização de construções nestes territórios com fraca acessibilidade, que a curto ou longo prazo apresentam características de precariedade, problemas técnicos e de manutenção, inundações constantes e outros que sobressaem na paisagem urbana e no aspeto do edificado, seja ele, habitacional ou de pequeno comércio. O bairro de Cuntum Madina por exemplo, é um dos mais afetados pela sua localização costeira e proximidade à bolanhas e zonas extremamente húmidas como se pode verificar no mapa de qualificação de terras.



Fig.24- Mapa de Ambientes- ONU-Habitat

³⁶ONU-HABITAT- Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat) 2019 e Câmara Municipal de Bissau.pág .11

- **Salubridade**

Quanto à salubridade, o mau funcionamento do sistema de drenagem e filtração dos resíduos urbanos induz perigos à saúde e o bem estar da população perante ao meio que frequenta. A disponibilidade das infraestruturas sanitárias bem equipadas e funcionais é indispensável para o fortalecimento do sistema de saúde da Guiné-Bissau.

"O país permanece distante das normas preconizadas pela OMS em termos de infraestruturas sanitárias e de pessoal médico."³⁷ Em Bissau, existe uma carência de postos de assistência como centros de saúde em locais mais afastados do centro, zona rural.

De facto, existe ainda um acesso muito precário e atrasado à água e ao saneamento na cidade, condições favoráveis de salubridade, múltiplas conexões clandestinas, ausência de contagem no domicílio dos utilizadores, entre outros. Isto acontece maioritariamente em bairros informais onde não existe uma eficácia no controlo da distribuição elétrica e das águas pela realidade local.

Com isto, em relação as primeiras prioridades, o acesso à água e a eletricidade, assim como o seu bom desempenho surgem como fator de urgência social. Efetuar reformas neste setor torna-se necessário de modo à atender as exigências da sociedade.

³⁷ REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU- Plano Estratégico e Operacional 2015-2020 "Terra Ranka", Documento II: Relatório Final, Bissau, 2015. pág 110

- **Atividades Comerciais e pequenos serviços**



Fig.25-Posto informal .



Fig.26-Mercado Público .



Fig.27-Supermercado
SantyComercial

Como mencionado anteriormente, o comércio é a atividade com maior protagonismo no que toca a paisagem urbana de Bissau como capital urbanizada. O comércio opera de diferentes formas neste cenário : mercados públicos (pouco ou nada estruturados) distribuídos pela cidade; o comércio ambulante que faz maioritariamente parte de um conjunto o qual por muitos guineenses é conhecido e denominado “ a feira”, que por sua vez inclui alguns postos de mercado informal, e supermercados.

Aqui procura-se classificar o comércio e os serviços no seu todo como formal e/ou irregularizado, pelo que é importante mencionar que o papel desempenhado por cada serviço influencia a forma, a estrutura e a disposição urbana dos equipamentos.

A informalidade no setor comercial e na prestação de serviços é originária das consequências governamentais e de estado que se cruzam com a necessidade acrescida de desenvolvimento dos meios subsistências. Em Bissau, este fenómeno é tudo menos abstrato. Já a regularização nestes setores normalmente decorre em edifícios da era colonial, equipamentos modernos e/ou improvisados maioritariamente espalhados no centro da cidade.

A dualidade aqui presente não se limita a áreas específicas, ela se encontra dispersa pelo território com maior influência na áreas envolventes e principalmente na habitação.

Grande parte do comércio e dos serviços aí existentes surgem voltados para necessidades específicas e capacidades económicas dos grupos com menor rendimento, actuando como um submercado de resposta a essa especificidade.

- **Habitat**

Como em qualquer território, a diversidade habitacional é incontornável, ela pode ser abordada pela estética ou pela circunstância em que se insere em um determinado meio. "Em Bissau, o uso do solo é essencialmente monofuncional, com a grande maioria das terras ocupadas por residências de baixa densidade"³⁸

A área edificada reúne uma extensa variedade de usos, no qual o uso residencial assume um papel na prodigalidade de lógicas de ocupação que incluem, unidades habitacionais do núcleo colonial, quarteirões desenvolvidos em planos antecedentes, áreas de fixação predominantemente informal, assim como áreas de expansão através de loteamento habitacional e áreas de promoção imobiliária para altos escalões do setor socioeconómico.

Adoptam assim morfologias e escalas diferenciadas, diferentes formas de uso, distintos padrões de qualidade construtiva (relativamente a consolidação, sistema construtivo ou estado de conservação) e de acesso às infra-estruturas básicas, representando amplas variações quanto às condições de uso do espaço. Podemos classificar essas variações em 3 diferentes categorias : - Assentamentos "informais, Assentamentos "formais" e Misto



Fig.28- Esquema representativo de ocupação informal .

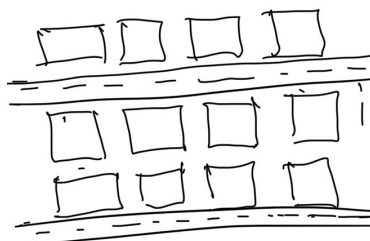


Fig.29- Esquema representativo de ocupação formal .

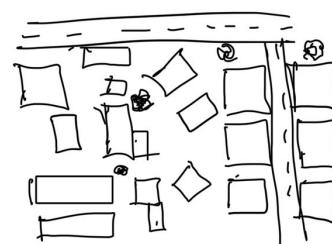


Fig.30- Esquema representativo de ocupação Mista .

³⁸ (20. 2030)

O núcleo colonial constitui uma área de fixação bastante consolidada, com uma morfologia muito mais explícita e estabilizada dos equipamentos e edifícios habitacionais perante outras áreas de assentamentos predominantemente informais, e com maior extensão temporal apesar de deixar lacunas que permitem a associação de dinâmicas informais e construções efémeras. A este conjunto, denominamos de Assentamentos “*formais*”

Os assentamento predominantemente “*informais*”, concentram-se sobretudo nas áreas de expansão urbana a partir do pós-independência. A habitação aqui presente demonstra diversas precariedades, de bairro em bairro, indiciadas essencialmente pelo desequilíbrio entre a densidade populacional e o número elevado de construções relativamente frágeis e de pequenas escalas sem infra-estruturas básicas qualificadas.

" A cidade de Bissau não possui um plano urbano formal aprovado desde meados dos anos 1990. Como resultado, há uma proliferação de assentamentos informais sem acesso à água, saneamento e energia, entre outros serviços públicos e instalações." ³⁹

Numa outra categoria, o formalismo se estende para áreas não urbanizadas ou em fase de urbanização, onde é possível encontrar habitações que remetem a população de classe média nacional, na qual a maioria é destinada a uso próprio, os restantes ao mercado imobiliário para arrendamento quer para população nacional quer para os estrangeiros ou técnicos de organizações internacionais, embaixadores, empresários e outros.

Neste contexto, a construção das habitações segue regularmente a implantação das redes infra-estruturais básicas

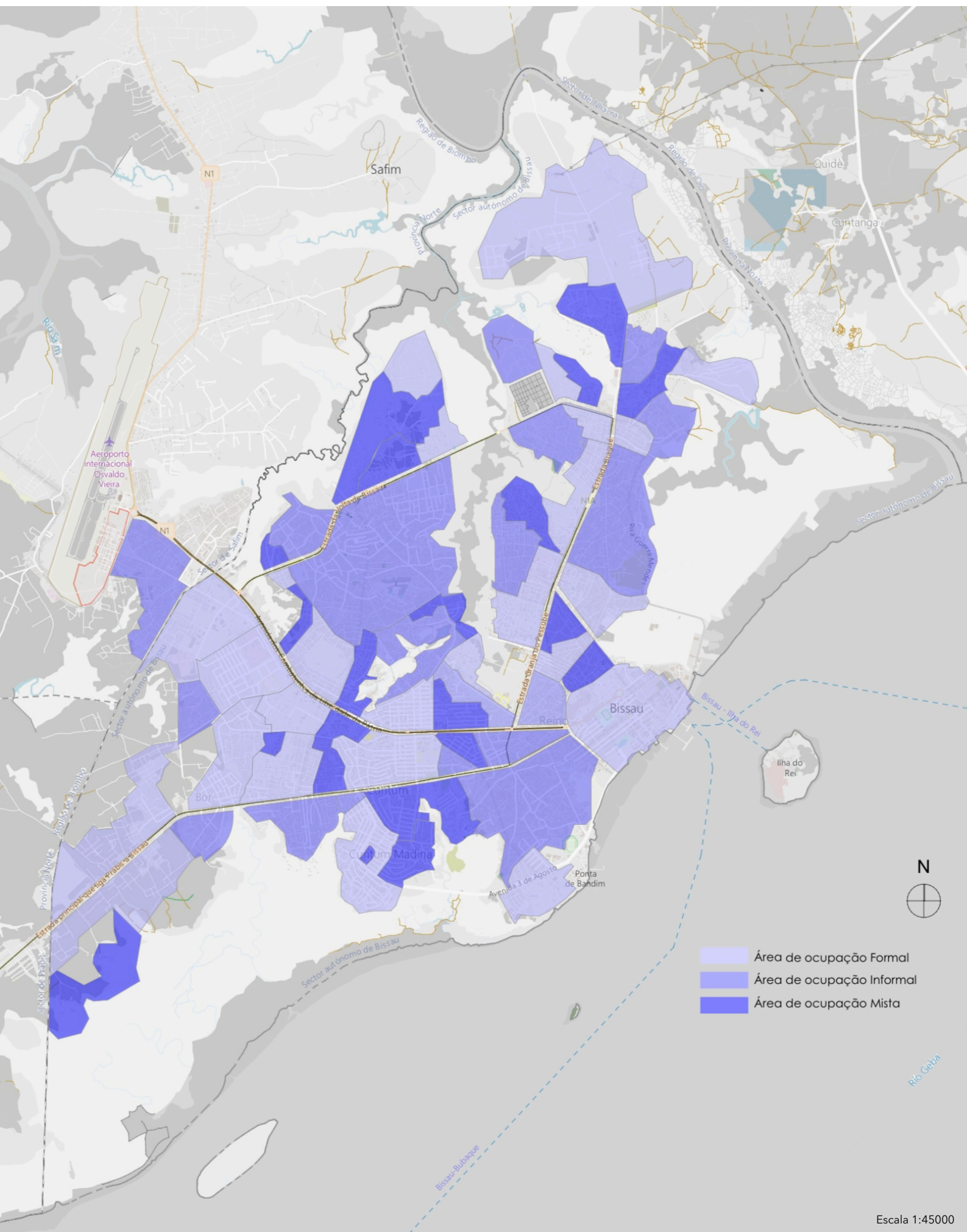
³⁹ ONU-HABITAT- Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat) 2019 e Câmara Municipal de Bissau.pág .7

e de acessibilidade ao contrário da informalidade que a antecede.

Com isto, pode-se afirmar que existe uma dada coexistência entre o formal e o informal, que fazem parte e caracterizam esta cidade em processo contínuo de urbanização.



Caption



A coexistência entre o formal e o informal

A coexistência entre o formal e o informal

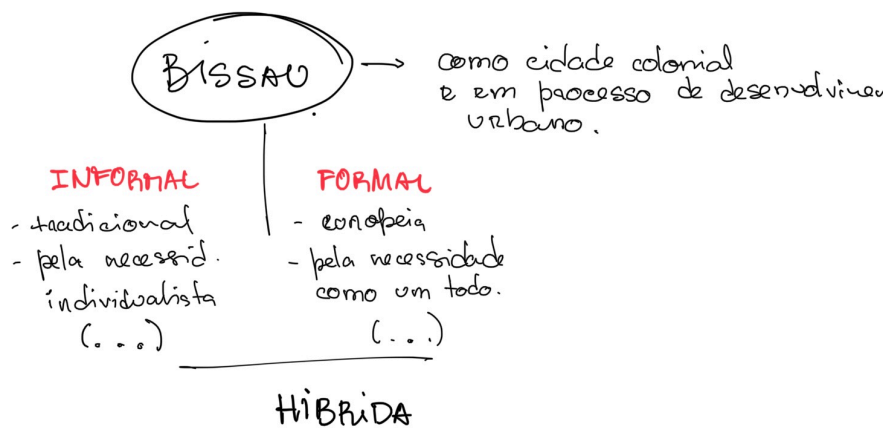
Ao longo do pós- independência, assistiu-se a uma tentativa de re-ordenamento territorial e reestruturação social da cidade. No início da independência, ocorreram episódios de reformas para democratização, instabilidade económica e conflitos políticos envolvendo a sociedade e estimulando a vida social, os hábitos e costumes, deslocação/migração das etnias guineenses. “ A proximidade revelada neste período pode ser parte da explicação para a convivência pacífica que se verifica em Bissau, onde estão presentes todas as etnias, convivendo em total proximidade, desde a independência.”⁴⁰

A coexistência entre o formal e informal parte destes dois princípios de re-ordenamento e reestruturação, caracterizando a cidade como uma cidade híbrida no que diz respeito a sua morfologia urbana e no cruzamento entre duas tradições perante a sua transformação.

Na dualidade entre o tradicional e o europeu, a cidade europeia colonizada apresenta uma matriz regular, de certo, resultante dos diversos planos anteriormente desenvolvidos ao contrário da tradicional. Esta desigualdade leva a uma (pré)determinada interpretação e consequentemente ao que neste capítulo optou-se por distinguir em duas principais ideologias sobre Bissau no que toca ao Urbanismo tendo em conta as condições urbanas expostas anteriormente :

cidade informal X cidade formal.

⁴⁰ PINTO Paula, *Tradição e Modernidade na Guiné-Bissau. Uma perspetiva interpretativa do subdesenvolvimento*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2009, pg.18



De acordo com a ideologia recorrente , a cidade informal correspondente a mancha mais densa, transporece na falta de infraestruturas adequadas, priorização de assuntos políticos e sócio económicos, liberdade na linguagem arquitetônica, ou seja, auto-criação, o que maioritariamente resulta do processo de auto-construção, assim como, a habitação desordenada resultante da apropriação territorial, problemas no cumprimento dos planos dirigidos a cidade, fiscalização e outros. Para considerar uma cidade “*informal*” há que se ter em conta um ponto ou uma situação de referência. Neste caso usamos a oposição para sustentar esta definição, em seu próprio contexto.

Já a Cidade formal e em melhoramento, aparece refletida em novas construções, reabilitação de macro infraestruturas, projetos sociais ligados à educação, desenvolvimento e integração social, projetos comunitários para melhoramento de pequenas e grandes ruas, escolas públicas, educação ambiental e outros, projetos de iluminação pública sustentável.

Zonas não planeadas, irregulares, mais pobres e de crescimento espontâneo são as que apresentam maior densidade populacional e fazem parte do núcleo informal, pela falta de estruturação qualificada sem uma ordem específica que vai de encontro com o crescimento da população dos residentes na cidade, excluídos das infraestruturas de base a qual os mesmos se sujeitam pela necessidade de se fixarem num determinado lugar. Necessidade essa que parte de

condicionantes sociais, pessoais, financeiras, culturais e outros demais motivos.

Com isto, podemos pôr em paralelo a cidade “formal” e a cidade “não formal”. Em que uma procura suprir a exiguidade de modo organizado, regulamentado, e racionalista. Enquanto a outra atua de modo irregular, sem seguir uma lógica elementar que satisfaça as necessidades básicas de modo qualificado.

Esta situação vem desde a época colonial. “Isto é, o objectivo era criar melhores condições de vida urbana para o colonizador, o qual, até por via do pensamento dominante na época, promovia a sua separação dos autóctones.”⁴¹

De facto, este pensamento alastra-se de modo abstrato no que condiciona as cidades atuais. O carácter de distinção de “áreas para classes” é predominante na forma urbana, pelo que não existe uma cidade homogénea desde a sua morfologia a sua funcionalidade e concepção. A cidade de Bissau, é mais um caso deste paradigma, apresentando uma vasta disparidade morfológica, urbana e territorial.

Desde o seguimento de um regulamento, um plano reconhecido administrativamente e pelo meio social à uma cidade que morfológicamente segue um modelo de urbanização padrão local espontâneo em que as falhas são maioritariamente visíveis a nível social, política, arquitetónico, e refletem um certo nível de pobreza.

Estes dois panoramas congregam uma grande multiplicidade de agentes e lógicas de ser, partindo do colonialismo, da acessibilidade às condições de habitat, da aculturação, entre

⁴¹ DA SILVA, Baducaran; Urbanização na Guiné-Bissau. Morfologia e Estrutura Urbana da sua Capital; Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia Faculdade de Arquitectura, Urbanismo, Geografia e Artes, 2010, pg.64

**Bissau como campo de
experiência arquitetónica.**

outras abordagens e não estritamente limitado aos aqui referidos.

Com isto, torna-se igualmente necessário perceber o desempenho da cultura no meio social e urbano como um dos fatores principais da dualidade territorial e motivador do cenário urbano que atualmente caracteriza a cidade de Bissau.

Existe um desfasamento acentuado entre estes dois cenários, o ponto de desfasamento corresponde a uma zona de transição entre ambos. “Este enquadramento acarreta que, e embora segundo âmbitos e incidências variáveis, uma grande parcela da população esteja sujeita a carências a diversos níveis, daí surgindo a criação de mecanismos de colmatação de lacunas: processos informais de resposta, paralelos ou complementares aos sistemas regulados, que propõem ferramentas alternativas de acesso a bens, no comércio, nos meios financeiros, na habitação.”⁴² Com isto, os mecanismos, os valores, a concepção, o materialismo, o formal e o informal se juntam dando voz a uma terceira ideologia de “*tipo*” de cidade, a cidade Híbrida.

Estamos perante uma espécie de misticismo espontâneo entre a cidade “europeia” em melhoramento e a cidade “tradicional” em desenvolvimento. Onde o anacronismo e o modernismo não distantes, definem a paisagem urbana refletida na arquitetura.

⁴² FERNANDES, Ana Luísa da Silva - Entre remediar e solucionar : a estruturação e a participação como meios de gestão da escassez e ruptura do ciclo de pobreza : São Tomé e Príncipe como laboratório. Porto : Faup, 2015.



Fig.32- Edifício Colonial em Bissau - Autor

Bissau como campo de experiência arquitetónica

Estabelecem-se condições para criações de arquiteturas distintas, procedentes das dinâmicas territoriais. “A arquitetura de uma cidade pode entender-se dois aspetos diferentes: no primeiro caso, é possível assemelhar a cidade a um grande manufacto, uma obra de engenharia e de arquitetura, maior ou menor, mais ou menos complexa, que cresce no tempo; no segundo caso podemos referir-nos a áreas mais delimitadas de toda a cidade a factos urbanos caracterizados por uma arquitetura própria e, portanto, por uma forma própria.”⁴³

“Concebo a arquitetura em sentido positivo, como uma criação indissociável da vida civil e da sociedade em que se manifesta; ela é, por natureza coletiva.”⁴⁴

Segundo Aldo Rossi, em “Arquitetura da Cidade” A individualidade depende mais das formas do que da matéria, isto fazendo referência ao Palácio da razão em Padua mas o que se aplica a este palácio certamente diferencia-se do que se aplica num contexto mais urbano e num contexto totalmente diferente do que se verificam em Padua. A identidade está na forma, na matéria, no material no modo de executar arquitetura, ou seja, projetar e construir. Em Bissau, o contexto é cheio de incertezas, de factos abstratos e complexos. Pelo que, aqui se questiona: Como seria definir o que chamamos de arquitetura, como seria definir a arquitetura em Bissau perante esta complexidade vivenciada no território e no espaço urbano?

⁴³ ALDO, Rossi - A arquitetura da cidade. Edições Cosmos, Lisboa, 2001, ISBN:972-762-126-0; pág.39

⁴⁴ ALDO, Rossi - A arquitetura da cidade. Edições Cosmos, Lisboa, 2001, ISBN:972-762-126-0; pág.29



Fig.33- Casa Colonial- Autor desconhecido.

“ A arquitetura por este seu valor mais profundo: de coisa humana que forma a realidade e conforme a matéria segundo uma concepção estética. E, assim, ela mesma e não só lugar da condição humana, como até uma própria parte desta condição; que se representa na cidade e nos seus monumentos, nos bairros, nas residências , em todos os fatos urbanos que emergem do espaço habitado.” Rossi, p.46



Fig.34- Casa “indígena”-Autor desconhecido.

Neste capítulo, ao desenvolver o conceito da cidade como um geral de elementos urbanos e diversidade arquitetônica, procura-se reconhecer e interpretar os indícios que dão origem a todo um conjunto em pequena e média escala, mas antes, é necessário fazer um olhar breve sobre os dois tipos de arquitetura que definiram a cidade de Bissau durante muito tempo, a Arquitetura Tradicional e a Arquitetura Colonial que no decorrer do tempo foram para além da dicotomia, dando origem a uma miscigenação extensiva daquilo que é a arquitetura na cidade de Bissau.

Entre o Tradicional e Colonial

Através das abordagens anteriores, fica clara uma solução de miscigenação arquitectónica que procura fundir o cultural europeu e o cultural africano gerando a sua própria identidade. Esta identidade é detectada nas obras construídas e projetos idealizados para a cidade de Bissau.

Durante o período colonial , procurou-se uma adaptação à cultura local, a criação de soluções arquitectónicas que fossem de encontro com a tradição metropolitana portuguesa e com os fatores correspondentes a condição tropical. Essa procura se reflete na linguagem moderna nos edifícios que se erguem progressivamente nas cidades coloniais.

Podemos definir a arquitetura colonial como “A arquitetura colonial construída na então denominada África portuguesa durante o século XX corresponde, genericamente ao processo de reflexão sobre especificidades regionais e climáticas dos vários territórios sob administração colonial até 1975, data de independência da maioria dos países lusófonos. como é o caso da Guiné-Bissau.”⁴⁵

Esta definição da arquitetura colonial, se generaliza no contexto como um "único", e precipitado seria defini-la com base numa única abordagem, pois é uma arquitetura que sempre varia de acordo com a especificidade do lugar, mas contém na sua base os mesmos princípios estendidos pelas colónias portuguesas.

⁴⁵ MILHEIRO, Ana Vaz - Nos trópicos sem Le Corbusier : arquitectura luso-africana no Estado Novo. Lisboa : Relógio d'Água, 2012. Pág.420

No seu conjunto, ela segue recomendações que fazem parte das características da arquitetura desta época. No contexto atual, fornece uma reflexão cultural arquitectónica sobre o seu protagonismo urbano, cultural, histórico e como património da cidade de Bissau.

O processo de estruturação de uma linguagem arquitectónica parte da entrada dos portugueses na Guiné-Bissau, e se desenvolve na aproximação com diversas culturas locais, estrangeiras, e outros.

“O resultado é uma unidade figurativa entre produções colonial e metropolitana”⁴⁶ Isto quando referimos ao “moderno estrangeiro”, arquitetura colonial.

Já a arquitetura local, vai se construindo como alternativa a solução implementada pelos gabinetes do ultramar. “Mas esta arquitetura progride no sentido da modernidade e da autonomia.”⁴⁷

Está refletida nos principais edifícios de serviço com programas funcionais, centrados ao longo da Av.Amilcar Cabral(eixo do centro), como o edifício dos correios e da TAP recentemente remodelados, o antigo cine teatro UDIB e o antigo palácio do governo (1945). Este último, manifesta originalmente uma fusão do realismo africano e do modernismo europeu, que resulta na Arquitetura Nacionalista e envolve uma configuração estética, resposta funcional, solidez construtiva, expressão tropical.

“ Entre esta modernidade e este realismo encontra-se, muito provavelmente, a expressão de uma tentada africanidade, por um lado informada pela tradição (...) e por outro lado inovação”⁴⁸

⁴⁶ MILHEIRO, Ana Vaz - Nos trópicos sem Le Corbusier : arquitectura luso-africana no Estado Novo. Lisboa : Relógio d'Água, 2012. Pág.437

⁴⁷ IDEM pág. 422

⁴⁸ IDEM pág. 443

A Arquitetura tradicional, vernacular engloba as habitações mais ancestrais do território, designadas casas de palha cuja técnica de construção foi sendo transmitida de geração para geração. Esta arquitetura de auto-construção, espontânea e sem intervenção de técnicos especialistas, respeita no entanto uma ordem interna com fundamentos nos usos e costumes seculares dos diversos grupos étnicos, os quais conservam a sua tradição ⁴⁹

Ela assume diferentes formas, tamanhos e materialidade no seu desenho, isto de acordo com as crenças e o funcionamento na vida ativa de um determinado indivíduo e o seu agregado, esta é uma condição que também influencia a disposição, e define a sua identidade.

Com o decorrer do tempo, assim como a arquitetura da era colonial, ela foi se uniformizando, tornando-se mais homogênea.

De comum, temos a construção em adobe, uso de cibe nas estruturas, coberturas geralmente em palha ou zinco, pavimentação sem grandes acabamentos.

Esta arquitetura, perante as tendências modernas e contemporâneas, é reduzida o seu valor, sendo muitas vezes generalizada dum modo negativo como uma arquitetura “informal” “atrasada” e até “precária”.

No entanto, é importante salientar que a arquitetura informal, não é única e exclusivamente referente a construções remotas, com técnicas ancestrais e uma linguagem diferenciada do modelo do último grito.

Geralmente, onde existem duas opções, é provável que exista uma terceira, como é o caso, procedente dos tipos anteriores e

⁴⁹ GUEDES, Manuel Correia, *Arquitetura sustentável na Guiné Bissau : manual de boas práticas*. [S.L.] : CPLP, 2011. pág.29

que resulta do cruzamento de diversos fatores sociais, políticos, económicos e diversas condicionantes, fundindo as duas principais arquiteturas aqui expostas.

Miscigenação

Atualmente, é visível o reflexo da política de miscigenação do paralelismo assistido no território como um processo de criação de um terceiro tipo de arquitetura que não segue necessariamente um estilo específico. Ao longo de um determinado eixo pode-se encontrar uma variedade imensa de elementos arquitectónicos que em conjunto tornam-se desconhecidos e incompreendidos. É uma arquitetura individualista, em alguns casos obedecendo as regras básicas implementadas pelos regulamentos das obras públicas e da câmara municipal.

A capital é predominada por construções de pouca altura, circundando entre o piso do rés-do-chão e um, dois ou três pisos, principalmente de habitação e de serviço, os que fogem a essa regra são de investimentos privados e projetos pré-fabricados e tanto que inovadores, constituem uma arquitetura mais contemporânea em relação ao tradicional.

A arquitetura implementada na concepção dos edifícios em Bissau, mais próximos do centro, se aproxima da convicção da tradição portuguesa como base de concepção atribuída ao ambiente tropical, provavelmente inspiradas nas soluções já testadas de outras potências coloniais oitocentistas.

A arquitetura de matriz portuguesa original, emergente do desenvolvimento de uma arquitetura racional fiel à tradição nacional, após um extenso período temporal, responde agora à

novas e múltiplas condicionantes.“ A africanidade não pode ser imitada através da arquitetura, apenas sutilmente sugerida.”⁵⁰

Com isto, pode-se afirmar que as condições locais determinam a morfologia desta arquitetura e substitui a arquitetura do estado novo, a de representação.

Esta é uma das situações em que a arquitetura se transforma seguindo uma lógica condicionada com base em uma matriz racional e representativa.

Uma outra situação, é aquela em que a arquitetura se cria sem base numa matriz racional, mas sim seguindo uma lógica própria, independente e com base na “necessidade de ser” mais do que na representatividade.

Assim, opta-se aqui, por classificar esta **Miscigenação** em duas esferas de acordo com o modo como se **origina seguindo as vertentes colonialistas e tradicionais** e que se diferenciam no espaço e no tempo.

A primeira, abrange tudo aquilo que parte duma concepção de origem colonial adaptada ao contexto territorial e que corresponde a época da pré-independência, da formalidade. Uma segunda , compreende a miscigenação que parte duma ideologia espontânea motivada pelas necessidades crescentes da população no meio urbano, resgata aspetos de origem tradicional e que corresponde ao período do pós-independência, da informalidade.

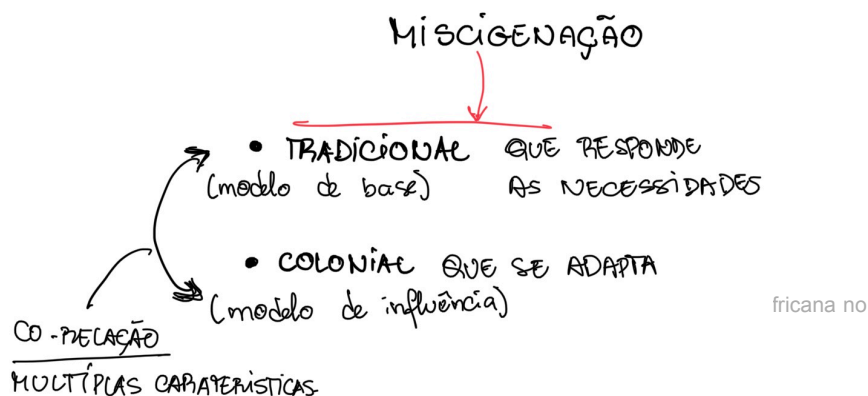


Fig.35-Moradia em Bissau

Definir a arquitetura no contexto guineense, desta miscigenação, é aqui definida como nada mais que uma arquitetura com características diversas, complexas na sua totalidade, individualista mas também coletiva, racionalista mas espontânea, e que varia de caso em caso.

De facto, a diversidade está presente em Bissau em diferentes escalas, desde a macro escala urbana representada pela fixação dos assentamentos formais, informais e mistos, à escala micro, do detalhe do construído, como podemos ver nos três exemplos de casos de estudo, que procuram retratar de modo geral o desenho daquilo que é o paralelismo e ***Bissau como campo de experiência arquitectónica*** através da compreensão das suas condicionantes e da sua particularidade.

Condicionantes e Particularidades

Em Bissau, existe uma enorme diversidade de tipos arquitectónicos. O que é recorrente em cidades colonizadas com condições extremamente inferiores as cidades mais urbanizadas, onde não existe um sistema eficiente de legalização e controle das construções existentes, onde a densidade populacional é excessiva em relação a área, o que favorece igualmente o ***caos*** urbano e a acentuada ***misticidade*** presente na capital.

Retratado no capítulo anterior, em termos urbanos, classificamos a paisagem urbana como formal e informal. Aqui,

perante arquitetura torna-se impossível atribuir a mesma classificação. Pois no cenário arquitetónico o objeto em estudo pode por excelência, incluir inúmeras especificações que o tornam formal e ao mesmo tempo informal. Nesta análise, opta-se por qualificar a arquitetura da capital utilizando os termos “espontâneo” e “racional”. Fundamentada na paisagem urbana, ela se transfere para a linguagem da arquitetura representando uma história ou um estilo.(razão e o ser) em oposição um do outro.

Os dois tipos arquitectónicos podem ser analisados seguindo os conceitos sociológicos e espaciais que por sua vez, a uma escala mais distante, introduzem o conceito de bairro que por consequente pode abordar uma obra de arquitetura mais arcaica ou moderna, mais simples ou complexa, permanente ou efêmero, de grande ou menor escala, forma comum ou própria que condicionam o limite do conjunto consoante a função que desempenham as suas alterações.

As soluções **Espontâneas** fazem parte de um conjunto de conteúdos sociais e funções diferenciais numa única área, cuja a hermética identidade arquitectónica resulta de múltiplas necessidades. (suburbanos)
Enquanto que, por outro lado, as soluções menos complexas que correspondem sistematicamente a uma ordem, cuja a estruturação é imposta pela função que desempenha seja ela habitacional ou comercial, formam um conjunto “racional”. (centro)

No entanto, a diferença entre uma condição e a outra está, não obstante, ligada a forma, a implantação, ao método construtivo e a aparência. "A luta pela independência da Guiné-Bissau trouxe consigo uma grande meta de progresso social e de apropriação do



Fig.36- Implantação Espontânea



Fig.37- Método Construtivo Espontâneo



Fig.38- Aparência



Fig.39- Implantação Estruturada



Fig.40- Método Construtivo Estruturado



Fig.41-Aparência

futuro" ⁵¹ De facto, apesar de ambas serem partes relativamente autónomas, não invalida o facto de existir uma complexa relação entre elas.

A informalidade, e a pobreza que se assiste no modo de fazer arquitetura, está associada ao cenário na qual se insere e maioritariamente a cultura.

Em Bissau, assim como em outras cidades africanas, a cultura de um determinado grupo tem influência sobre o território. "O conceito da ancestralidade: o ser e a localidade"⁵² A cultura apesar de enraizada, é também vulnerável a constantes transformações, subtilmente identificáveis nas construções.

Este modelo de arquitetura espontânea resultante, surge do hábito social da própria população, da auto-criação que se populariza e torna-se num modelo convencional. Com uma área de influência maioritariamente suburbana ela também preenche pequenas lacunas no meio urbano. É uma arquitetura enraizada, arcana, e diversa. Conforma o modelo convencional, sem regulamentação, informal, não consultivo e adaptativo a população local.

" O subdesenvolvimento caracteriza-se por dinâmicas negativas que se nutrem e se reforçam mutuamente e levam todo o país para baixo"⁵³ O progresso social, educacional, governamental, tradição, cultura, religião e confrontos étnicos entram igualmente como fatores de causa da diversidade arquitectónica existente.

⁵¹REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU- Plano Estratégico e Operacional 2015-2020 "Terra Ranka", Documento II: Relatório Final, Bissau, 2015.pág.12

⁵² JÚNIOR Henrique Cunha, "Urbanismo africano: da antiguidade aos dias atuais" (palestra), UFRJ, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DQ5DIKCsXTw&t=4047s>.

⁵³ REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU- Plano Estratégico e Operacional 2015-2020 "Terra Ranka", Documento II: Relatório Final, Bissau, 2015. pag 25

A **Arquitetura estruturada**, enraizada nos princípios coloniais e nas tentativas de modernização concentra, maioritariamente na parte “antiga” da cidade. Com o tempo estes mesmos princípios vão se atualizando consoante a evolução social e ao critério funcional.

Esta atualização apoia-se especialmente na estética e na forma do que em qualquer outro princípio elementar.

Já na atualidade, à escala da cidade, o método projetual e construtivo define a classe social. A formalidade procura responder a regulamentação base desde a sua implantação a escala do detalhe. É uma arquitetura consultiva, planeada, concebida e executada por técnicos, faseada consoante a disponibilidade económica. Esta arquitetura tem como referência modelos “estrangeiros” (não apenas colonial) implantados em Bissau.

Cruzando estas duas arquiteturas, emerge uma **arquitetura miscigenada**, uma arquitetura particular de união entre : | tradicional- novo|, |formal-informal|.

“Tipos”- Casos de estudo

Quando falamos de arquitetura, os tipos surgem como “*modelo*” para referenciar aquilo que nós interpretamos como um conjunto de elementos iguais entre si. Esse modelo tem a sua razão de ser, tem o seu princípio fundamental e secundário alternado diversos casos.

Na habitação por exemplo, a necessidade de alojamento/ abrigo desde o início da era humana até os dias de hoje, constituem o princípio fundamental da habitação; No comércio, o princípio elementar está na economia, e assim sucessivamente.

Estes princípios são instigados por fatores abstratos tais como a cultura, que manifesta-se na criação, na forma do objeto, no seu uso, e também consoante as aspirações.

As questões tipológicas surgem normalmente quando levantadas questões sobre a paisagem urbana, estamos assim perante o estudo de um ou vários “tipos”, a arquitetura na sua maior complexidade, que vai além da dicotomia do informal e do formal, e antecede a forma e a estética. O tipo, é então definido como uma constante, mas que varia de acordo com as necessidades reagindo as técnicas, cruzando a técnica a função com o carácter coletivo social ou individual, as ditas ***particularidades***.

De facto, o modelo pode ter um protagonismo maior ligado a estética, a forma a ela atribuída, assim como, à função que o objeto desempenha num determinado território. Estes três princípios: beleza, forma, função são autónomos mas co-dependentes. “as alterações da função implicam uma alteração

da forma.”⁵⁴ a forma por sua vez implica a beleza (relativa) do objeto.

Em suma, pode-se dizer que o desenho da arquitetura, procura responder a princípios elementares criados pelo próprio, aos problemas urbanos, ao clima, as aspirações, ou à qualquer regra imposta perante um determinado contexto. As variantes “tipologias” surgem dessa regra e/ou da sua exceção e adaptação à uma dada situação. A regra aqui, baseia-se na técnica, no estilo, no carácter coletivo e na própria ideia de arquitetura.

Como resultado deste fenómeno temos formas, modelos variados, com identidade própria ou comum, a misticidade de princípios e funções que acabam por constituir uma paisagem no seu conjunto.

“Tipo’, no âmbito disciplinar da arquitectura, refere-se a uma matriz de natureza conceptual. Não se trata de um objecto, mas sim de uma descrição, um enunciado lógico, a partir da qual é possível seleccionar e categorizar determinadas soluções formais. ‘Modelo’ e ‘tipologia’ constituem de igual modo termos correntes no âmbito de análise tipológica, em que o primeiro se refere a uma solução formal a repetir(...)”⁵⁵

Deste modo procura-se aqui expor algumas patologias identificáveis optando por dois critérios elementares de classificação de todo um complexo existencial, tendo como referência os modelos de Habitação :

A partir do modelo espontâneo e do estruturado, da sua miscigenação, com base no seu motivo de ser, apesar da

⁵⁴ ALDO, Rossi - A arquitetura da cidade. Edições Cosmos, Lisboa, 2001, ISBN:972-762-126-0; pág.52

⁵⁵ LAMEIRA Gisela, ROCHA Luciana (eds.), Mapa da Habitação: Guia para uma terminologia específica em Arquitectura habitacional apoiada pelo Estado em Portugal [1910-1974], Porto: Universidade do Porto - Faculdade de Arquitectura, Projeto de Investigação (FCT) Mapa da Habitação, 2019. pág.155

acentuada dificuldade em definir um contexto espontâneo e individualista mais que um contexto racional, aqui, neste trabalho, com base no motivo de “ser” e seguindo uma lógica pessoal de filtro visual, a pesquisa segue duas vertentes principais de modo a tornar explícita a diversidade existente neste cenário: a da Necessidade Individual e da Preferência Estética.

Implantação :

Geralmente, estes modelos tipológicos, estão implantados em áreas suburbanas com predominância de assentamentos mistos. A forma dos seus lotes varia consoante o terreno, na maioria dos casos apresenta uma forma retangular o qual aqui é retratado. E envolve outras construções anexas, iguais ou diferenciadas da mesma.

A implantação é centralizada, com uma pequena distância de cerca de 1,5m à 2m entre a fachada principal e o limite do terreno(murro). Nas traseiras esta distância é relativamente maior tendo em consideração as aspirações do proprietário.

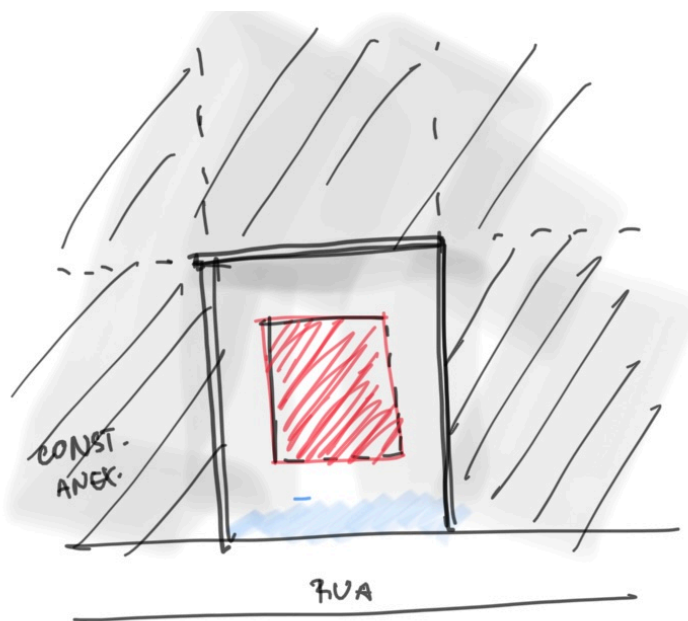


Fig.42

Concepção :

A ideologia por detrás do desenho de concepção, sugere uma intenção em unir dois blocos semelhantes, com funções e usos distintos, através de um corredor único que pode ser considerado o eixo principal no qual o desenho se apoia, estabelecendo igualmente o papel de filtro/transição entre o comum-privado. A concepção, está ligada a um esquema geral de organização interna do construído, a configuração da planta, ao seu uso e as possibilidades económicas.

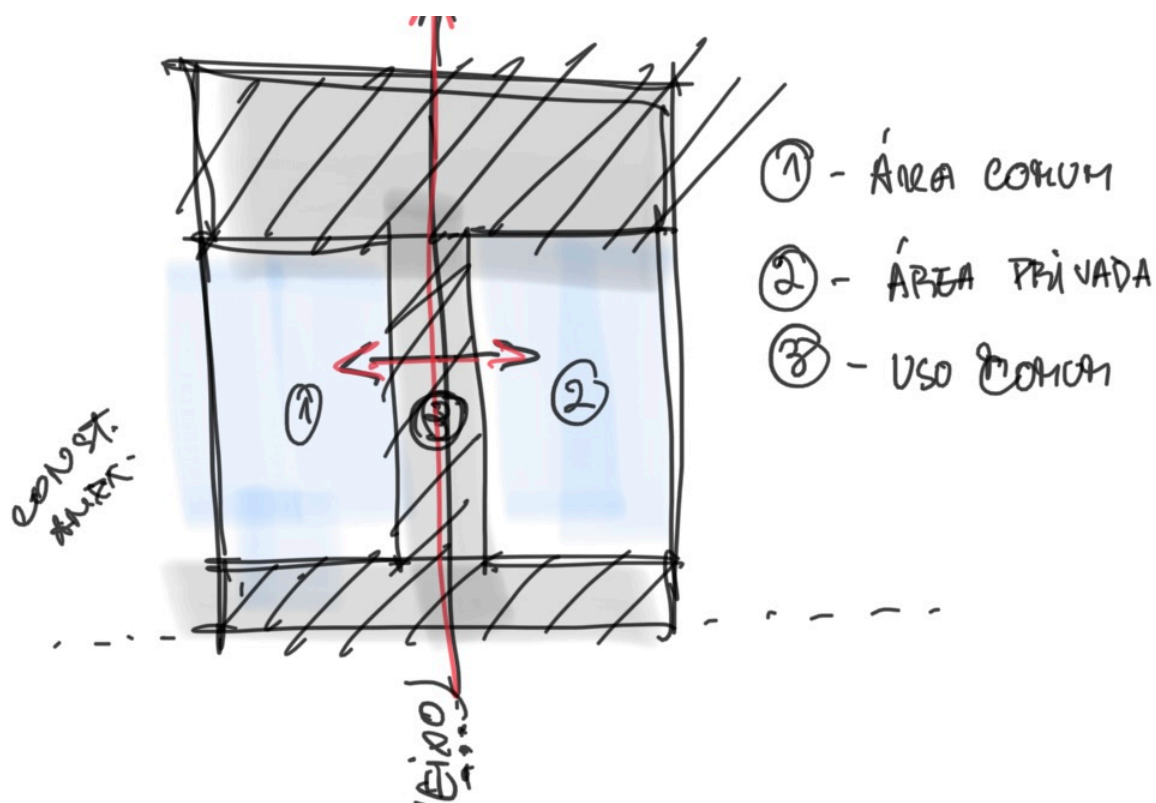


Fig.43

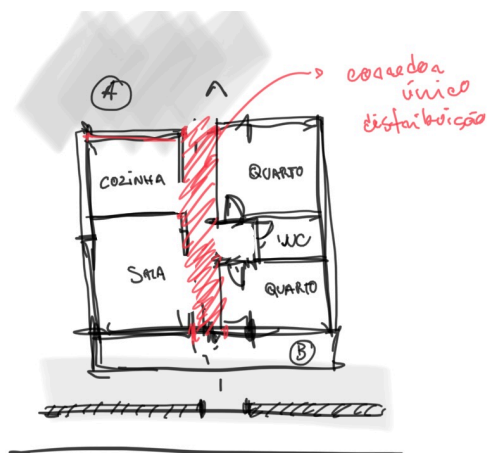


Fig.44

Compartimentos:

Maioritariamente quadradas ou rectangulares, elas apresentam uma divisão e uma simetria relativamente simples em relação as construções mais contemporaneas, o que está relacionada com a própria área de construção e com o hábito funcional de quem o frequenta.

A casa é dividida geralmente em 5 compartimentos, dos quais 2 quartos, 1 casa de banho comum, 1 sala de estar, e 1 cozinha junto da mesma.

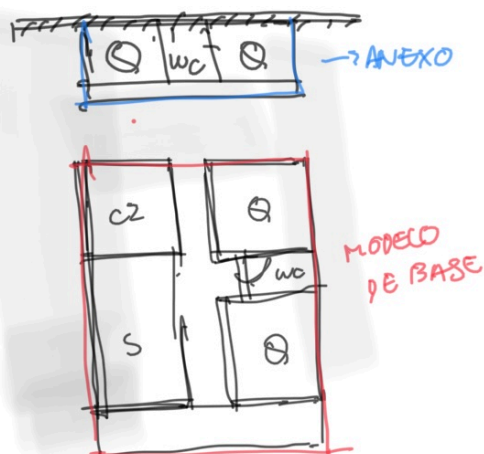


Fig.45

Quanto maior o número de habitantes, este modelo tende a crescer no sentido do eixo estruturante de modo a estender os seus compartimentos no interior da habitação (Fig.42). Um outro caso ligado a esta problemática , é a construção de um edifício anexo nas traseiras do edifício principal procurando preencher a necessidade de alojamento dentro de um núcleo habitacional. Estas condições, bem como as soluções encontradas, criam outros modelos de habitação com base nesta mesma ideia de simetria.

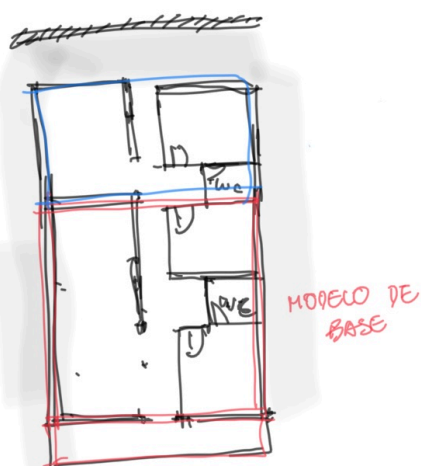


Fig.46

O exterior, é composto por varandas largas isoladas, carateristica da arquitetura de era colonial, os diferentes compartimentos apresentam uma lógica simples e básica de disposição.

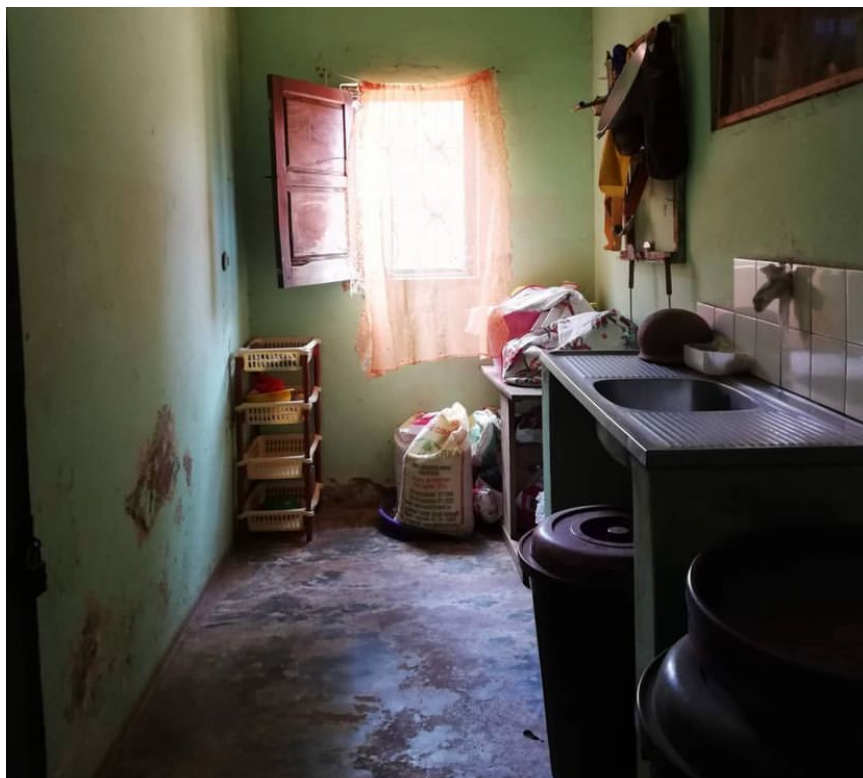


Fig.47-Cozinha



Fig.48- Sala de Jantar

Construção :

Geralmente construídas em cima duma plataforma um degrau a baixo do interior da habitação como prevenção das enchentes, Feita em blocos de cimento (usado em construções formais e informais) cibe (modelo de origem tradicional) para tetos ou como pilares em pequenas áreas exteriores de lazer ou apoio, a preferência por vigas e pilares armados em betão, um sistema mais atualizado em comparação ao método utilizado na pré-independência.

É importante aqui salientar que em termos conceptuais de construção, e de todo o processo desde a escolha do material até a sua execução é variável de acordo com o local, a cultura e os costumes. É uma construção relativamente simples em relação aos modelos mais contemporâneos.

Algumas ideias inovadoras, fazem parte deste modelo miscigenado mas com o tempo vão ganhando mais protagonismo deixando pra traz as inspirações do modelo vernacular, como título de exemplo a preferência pela cobertura em telha, a pouca preocupação a sua adequação à realidade, a preferência por máquinas, materiais pré-fabricados, entre outros.



Fig.49

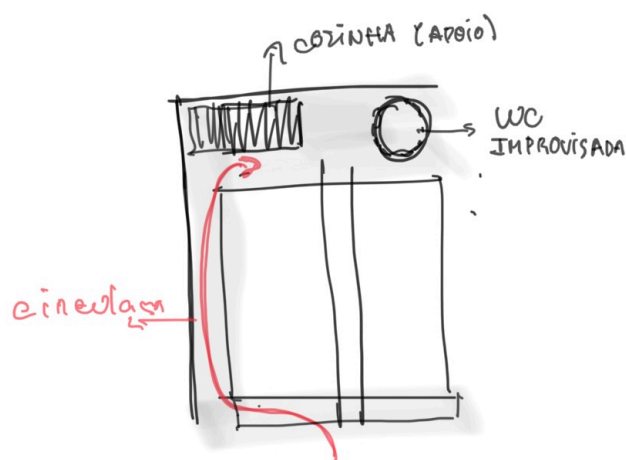


Fig.50

Uso:

O programa integra a necessidade de cumprir funções essenciais através da articulação dos espaços e aproveitamento dos mesmos. No interior, o uso é racionalizado, os espaços projetados obedecem as funções a elas incumbidas.

O corredor além de servir de elemento de distribuição, é utilizado como filtro entre uma area mais reservada e outra mais pública. O quarto é utilizado unicamente como dormitório. A cozinha interior é raramente utilizada, um hábito de muitas famílias as quais optam pela criação de outras cozinhas anexas a mesma. Nas traseiras, o uso é reservado a atividades domésticas, são criadas cozinhas externas de apoio, este facto, tem origem na cultura guineense, assim como em algumas situações são criadas casas de banho improvisadas, uma característica que remete para a informalidade existente e característica do tradicional, maioritariamente implementada fora da cidade de Bissau. Os espaços de circulação em alguns casos são de uso coletivo em moradias com as traseiras sem divisórias, lotes unificados. Surge aqui o sentido do “Coletivo”.



Linguagem Arquitetónica:

Exploração de novas linguagens associadas à linguagem da arquitetura colonial bem como da arquitetura tradicional, do considerado informal ao formal. Esta arquitetura apresenta uma clara referência aos princípios dotados na articulação visual e espacial do construído.

Aqui a Preferência Estética cruza-se com a necessidade do “ser”. Precipitado seria reduzir todas as construções a uma única linguagem, apesar delas apresentarem algumas características em comum como a simplicidade no alçado com pequenos elementos ornamentais à escolha do proprietário. As habitações mais recentes, de classe média -alta adquirem formas mais contemporâneas inspiradas na arquitetura francófona, as de classe baixa mantêm maioritariamente o seu aspeto simples no alçado devido baixo poder económico.

A linguagem arquitetónica, pode ainda, ser transmitida duma época para a outra, tendo como base pequenas patologias ,estilos e conceitos pré-existentes de resolução estética ou até funcional. Como exemplo a habitação pertencente ao Consulado do Líbano projetada durante a era colonial em paralelo ao Edifício de Hotelaria Ledger, projetado no século XX.



Fig.52- Hotel Ledger



Fig.53- Consulado do Líbano

A escala do detalhe, da habitação, os fatores climáticos e por consequente a materialidade, atribuem valores particulares as construções . As construções mais recentes buscam uma linguagem simplificada no exterior e tanto quanto extravagante no interior. Nas casas mais precárias, por vezes existe uma incoerência entre as partes proveniente da necessidade de ser, de adaptar, e de aquisição de uma mesma linguagem arquitetônica de referência, bem ou mal implementada, criando assim uma diversidade de estilos arquitetônicos.



Fig.54- Edifício Colonial em Bissau

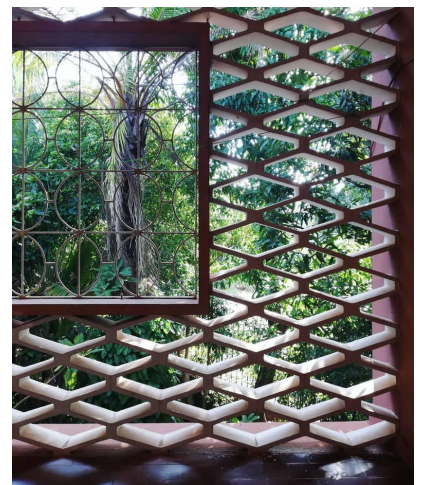


Fig.55- Desenho de vedação duma varanda



Fig.56- Fachada HNSM

Considerações Finais

O trabalho aqui apresentado, debruça-se sobre diferentes aspetos urbanos, desde a pré-independência à atualidade. De modo a expor e compreender estes aspetos, o trabalho foi se subdividindo em diferentes categorias, partindo da escala urbana à escala do detalhe.

Numa primeira parte optou-se pôr expor os precedentes que acompanham a morfologia da cidade relativamente às influências europeias mais concretamente da colónia portuguesa, através da análise dos planos urbanos dessa época no qual se torna evidente a obduração dos mecanismos de fixação, construção e distribuição territorial, com vantagens no desenho e na configuração uniforme, bem como as desvantagens na segregação imposta pelos gabinetes do ultramar.

Na análise do contexto mais recente, do pós independência à atualidade, é possível constatar que a cidade sofre um processo continuo de reestruturação urbana, com base nas intervenções dos Gabinetes do Ultramar em Bissau, e em precedentes do tradicionalismo ligado as necessidades da população. A dicotómia entre o tradicional e o moderno, a separação de classes a nível territorial, trouxe consigo indícios de uma cidade híbrida.

Com a expansão, as prioridades vão se alterando, e, conseqüentemente, alteram-se os então considerados princípios elementares da ideologia de concepção que por sua vez, estabelecem condições para a criação de arquiteturas distintas.

Em suma, torna-se possível afirmar que a miscigenação está presente em Bissau em diferentes escalas, desde a macro escala urbana representada pela fixação dos assentamentos

formais, informais e mistos, à escala micro, do detalhe do construído que vai além da dicotomia.

Com enfoque na escala do edificado, pode-se constar que a concepção de um edifício, seja ele habitacional ou comercial, está ligada a sua inserção urbana, a função, e a necessidade de ser.

A arquitetura resultante desta miscigenação, é aqui definida como nada mais que uma arquitetura com características diversas, complexas na sua totalidade, é uma arquitetura particular que varia de caso em caso.

A particularidade depende da sua forma, matéria, representatividade e cultura, compreendendo realidades complexas, mecanismos de identificação e orientação de um determinado indivíduo com e no espaço estruturado.

Em Bissau, assim como em outras cidades, a particularidade está sempre presente, quer subtilmente ou não, identificáveis no território.

“A arquitetura atual reflete diversas visões que vão tornando cada abordagem um caso particular, contribuindo assim para que a matriz portuguesa original, inicialmente detectável nas culturas africanas emergentes, se desdobre em diferentes materialidades.”⁵⁶

Este trabalho, procurou atingir diferentes esferas do urbanismo e da arquitetura no contexto guineense, associado a problemáticas específicas, perante a um tema vasto, de modo a incentivar o debate sobre os diferentes pontos de vista da transformação urbana da cidade e dos princípios elementares que definem a arquitetura hoje predominante em Bissau.

⁵⁶ MILHEIRO, Ana Vaz. Nos Trópicos sem Le Corbusier - arquitectura luso-africana do Estado Novo, Lisboa, 2009. pág.454

Bibliografia

Livros

ALDO, Rossi - A arquitetura da cidade. Edições Cosmos, Lisboa, 2001, ISBN:972- 762-126-0;

ÁVILA CACHADO Rita, BAÍA João. Políticas de Habitação e Construção Informal. Editora Mundos Sociais, 2012.

FAUSTO Duarte. Bissau: Governo da Colónia da Guiné Portuguesa, Anuário da Guiné Portuguesa, 1946.

FERNANDES, Ana Luísa da Silva - Entre remediar e solucionar : a estruturação e a participação como meios de gestão da escassez e ruptura do ciclo de pobreza : São Tomé e Príncipe como laboratório. Porto : Faup, 2015.

FERNANDES, José Manuel, África - Arquitectura e Urbanismo de Matriz Portuguesa. Lisboa: Caleidoscópio, 2011.

GUEDES, Manuel Correia, Arquitectura sustentável na Guiné Bissau : manual de boas práticas. [S.L] : CPLP, 2011

MENDES, Francisco. A Intervenção em espaço urbano na cidade de Bissau Guiné-Bissau. Dissertação de mestrado integrado em arquitetura. Universidade do Porto. 2021

MILHEIRO, Ana Vaz. Nos Trópicos sem Le Corbusier - arquitectura luso-africana do Estado Novo, Lisboa, 2009.

MILHEIRO, Ana Vaz. Arquitecturas Coloniais Africanas no Fim do “Império Português”. 2017

MOTA, A. Teixeira, NEVES M.G.Ventim. A Habitação Indígena na Guiné-Portuguesa, 1948.

LAMEIRA Gisela, ROCHA Luciana (eds.), Mapa da Habitação: Guia para uma terminologia específica em Arquitectura habitacional apoiada pelo Estado em Portugal [1910-1974], Porto: Universidade do Porto - Faculdade de Arquitectura, Projeto de Investigação (FCT) Mapa da Habitação, 2019.

LOBO, Margarida Souza - Planos de urbanização : a época de Duarte Pacheco. 2ª ed . Porto : FAUP Publicações, 1995.

DE SPÍNOLA, António . Por uma Guiné Melhor, Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1970.

VICENTE Soraia, Habitar em Bissau: Articular o Bairro e a Escola Proposta de um , Habitat Evolutivo, Adaptável e Sustentável. Dissertação de mestrado integrado em arquitetura. Universidade de Coimbra. Fevereiro de 2021.

Artigos e Publicações

JÚNIOR Henrique Cunha, “Urbanismo africano: da antiguidade aos dias atuais” (palestra), UFRJ, 2018 . Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=DQ5DIKCsXTw&t=4047s>

MILHEIRO, Ana Vaz. O Gabinete de Urbanização Colonial e o Traçado das Cidades Luso-Africanas na Última Fase do Período Colonial Português. Urbe. 2012 Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/13580> / Consultado em Fevereiro de 2022.

MILHEIRO Ana Vaz, Arquitectura em Bissau e os Gabinetes de Urbanização Colonial (1944-1974), in “arq.urb, Revista eletrônica de Arquitetura e Urbanismo,nº2, 2009,pp 80-114. Disponível em:Arquitetura em Bissau e os Gabinetes de Urbanização colonial (1944-1974) | arq.urb (revistaarqurb.com.br). Consultado em Abril 2022

MINISTÉRIO DA ECONOMIA, DO PLANO E INTEGRAÇÃO REGIONAL- MICS GUiné-Bissau- Inquérito aos Indicadores Múltiplos 2018-2019, Bissau 2020.

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS- Estratégia Política de Desenvolvimento e Plano de Acção da Cidade de Bissau de 2009, Boletim Oficial No31.

ONU-HABITAT- Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat) 2019 e Câmara Municipal de Bissau.

REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU- Plano Estratégico e Operacional 2015-2020 “Terra Ranka”, Documento II: Relatório Final, Bissau, 2015.

Iconografia

1- Carta da Provincia da Guiné / Ministério do Ultramar. Junta de investigações do ultramar. Centro de geografia do ultramar. 1961. Disponível em: <https://collections.lib.uwm.edu/digital/collection/agdm/id/2747/>

2- Fotografia da vista aérea de Bissau, disponível em: <https://actd.iict.pt/>

3-Fotografia Vista aérea de Bissau, 1984, disponível em: <https://actd.iict.pt/>

4- Plano da Nova Cidade de Bissau, José Quinhones, 1919. Fonte: Arquivo Histórico.- Análise da autor.

5- Urbanístico de 1948. Plano Geral de Urbanização da cidade de Bissau, Bissau 12/06/1948, Sarmiento Rodrigues (Arquivo Histórico Ultramarino, rolo 22) Fonte: Luís Pavão e Laura Guerreiro, 2012 - Análise do autor.

6- Plano de Urbanização dos bairros populares de Bissau (1959), Mário de Oliveira (Arquivo Histórico Ultramarino, rolo 22) Fonte: Luís Pavão e Laura Guerreiro, 2012- Análise do autor.

7- Plano de Ocupação do solo existente, zonas favoráveis a futuras expansões dos bairros populares (1959), Mario de Oliveira.

8- Plano de Urbanização dos bairros populares de Bissau (1959) de Mário de Oliveira - Análise do autor.

9- Bissau-1984. Fonte: Google Earth

10- Bissau-2022. Fonte: Google Earth

11-Mapa de Equipamentos de Bissau. Desenho da autora.

12-Mapa de identificação dos bairros- presente no Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat) 2019 e Câmara Municipal de Bissau.

13- Desenho de distinção de diferente categorias de Bairros no início do pós-independência. Desenho da autora.

14-Fotografia do Mercado de Bandim, intitulada “Mãe Magoada”.Autoria de Indi Nunez

15- Mapa Esquemático de Expansão e Crescimento da cidade de Bissau. Desenho da autora.

16-Mapa de Potenciais Zonas de Expansão, elaborado pela ONU-Habitat.- Análise da autora.

17- Fotografia do mercado de Titininha. Autoria de Di Guiné

18- Fotografia “Buzzing around the Streets”. Autoria de Bissau_Bonito

19- Fotografia da Estrada de Granja. Fotografia da autora.

20- Fotografia da Av.Principal. Autoria de Aliu, presente em @bissau_love.

21- Fotografia de Acesso Periférico. Fotografia da autora.

22- Imagem de “Meios de Transporte na Guiné-Bissau”. Autoria de Clebia Rosa.

23- Mapa da Rede Viária de Bissau, presente no Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat) 2019 e Câmara Municipal de Bissau.

24- Mapa de Ambientes, presente no Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat) 2019 e Câmara Municipal de Bissau.

25- Posto de venda Informal. Autoria de Miguel de Barros.

26- Fotografia do Mercado Público. Autoria de Miguel de Barros

27- Fotografia do Supermercado SantyComercial. Fotografia da autora.

28- Mapa de Indentificação de Áreas de ocupação. Desenho da autora

29-Esquema representativo de ocupação informal. desenho da autora.

30-Esquema representativo de ocupação formal. Desenho da autora

31-Esquema representativo de ocupação mista. Desenho da autora.

32- Fotografia de um Edifício de Bissau Velho- Fotografia da autora.

33- Fotografia de uma Casa Colonial. Autor desconhecido. Disponível em: <https://actd.iict.pt/>

34- Fotografia de uma Casa Tradicional. Autor desconhecido. Disponível em: <https://actd.iict.pt/>

35- Fotografia de uma moradia em Bissau. Autoria de Francesca Vita.

36- Fotografia da Implantação Espontânea-Autoria de Soraia Vicente. Presente “Habitar em Bissau: Articular o Bairro e a Escola Proposta de um , Habitat Evolutivo, Adaptável e Sustentável.”

37- Fotografia do método de Construção duma casa tradicional. Autor desconhecido. Disponível em: <https://actd.iict.pt/>

38- Fotografiada aparência de uma moradia de concepção espontânea. Fotografia da autora.

39- Fotografia de Implantação racional em Bissau.
Autoria de Albano Barai.

40- Fotografia da construção de uma casa moderna em Bissau. Fotografia da autora.

41- Fotografia de uma casa moderna em Bissau.
Fotografia da autora.

42-Esquisso representativo da Implanta de uma moradia em Bissau. Desenho da autora.

43- Esquisso representativo da ideologia de concepção de uma moradia em Bissau. Desenho da autora.

44- Esquisso representativo da configuração de uma moradia em Bissau. Desenho da autora.

45-Esquisso representativo de uma variante da configuração base de uma moradia em Bissau. Desenho da autora.

46-Esquisso representativo de uma variante da configuração base de uma moradia em Bissau. Desenho da autora.

47- Fotografia da cozinha de uma casa em Bissau.
Autoria de Francesca Vita.

48-Fotografia da sala de jantar de uma casa em Bissau.
Autoria de Francesca Vita.

49- Fotografia de exemplo do método de construção mista. Fotografia da autora.

50-Fotografia de exemplo do método de construção comum. Fotografia da autora.

52- Esquisso representativo do uso de uma moradia em Bissau. Desenho da autora.

52-Fotografia do Hotel Ledger. Autoria de Wasi Photographer.

53- Fotografia do Consulado do Libano. Fotografia da Autora.

54-Fotografia de um edifício colonial em Bissau.
Fotografia da autora.

55-Desenho de vedação duma varanda. Autoria de Francesca Vita.

56-Fotografia da fachada do HNSM. Fotografia da autora.

Cartografias

CARIA, Maria Emilia. Urbanização da Cidade de Bissau. Lisboa : Direcção dos Serviços de Urbanização e Habitação, DGPC 1958-1974.

OLIVEIRA Mário de, Urbanização dos Bairros Populares de Bissau, Lisboa:

RODRIGUES Sarmiento, Plano Geral de Urbanização da cidade de Bissau, Bissau 12/06/1948, (Arquivo Histórico Ultramarino, rolo 22) Fonte: Luís Pavão e Laura Guerreiro, 2012 Disponível em: Plano Geral de Urbanização da cidade de Bissau, Bissau 12/06/1948,... | Download Scientific Diagram (researchgate.net) Acedido : 11/04/2022

Nova Cidade de Bissau, demarcada e desenhada pelo Engenheiro-Chefe José Guedes Quinhones, Guiné Portuguesa, Repartição do Fomento, Direcção de Agrimensura, 1919 [Arquivo Histórico Ultramarino, cota: CEHCAP27C020]. Disponível em: *Praças do Império no espaço colonial português e o Estado Novo. A regra e o modelo.pdf (iscte-iul.pt)

Bissau: Para além da dicotomia. Urbanismo e Arquitetura
Laura Nina Keita Barros

FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA

Bissau: Para além da dicotomia.
Urbanismo e Arquitetura
Laura Nina Keita Barros

M

2023

